

**Em Defesa do  
Cristianismo:  
uma apologética**

**Wanju Duli**

**2016**

Imagem de Capa: © Bcdesigns | Dreamstime.com

Design de Capa: Luigi Ligocky

# Sumário

Introdução.....	5
Capítulo 1: Ciência e Religião: Galileu e Darwin.....	13
Capítulo 2: Idade Média, Preconceito e Liberdade.....	26
Capítulo 3: Ética e Metafísica: A Santíssima Trindade e o Problema do Mal.....	39
Capítulo 4: Práticas Místicas.....	66
Leituras Recomendadas.....	95



## Introdução

É óbvio que estou escrevendo esse livro para provocar, como um desafio. É um convite ao pensamento. Mas também é fruto de um sincero desejo de defender aquela que talvez seja a mais incompreendida das religiões, com a possível exceção do islamismo.

Mas o islamismo praticamente não toca o Brasil. A maior parte dos brasileiros que criticam o islamismo jamais foram a uma mesquita, nunca leram o Corão ou qualquer livro sobre a fé muçulmana.

Eu mesma, quando li o Corão pela primeira vez, cerca de dez anos atrás quando estava fazendo um curso de árabe, posteriormente descobri que aquela tradução era bem tendenciosa. Hoje em dia existem grupos fortes de feministas muçulmanas que realizam traduções mais fiéis do livro sagrado, tendo em vista preservar as mensagens originais de Maomé, que defendia os direitos das mulheres e era contra a violência.

Segundo Reza Aslan no livro “No god, but God: The Origins, Evolution and Future of Islam”, os países islâmicos já geraram mais mulheres presidentes e primeiras-ministras do que em toda a Europa e América do Norte.

E por que há tanto preconceito contra o islamismo hoje? Reza Aslan diz que as pessoas estão em busca de um bode expiatório. É muito mais fácil colocar a culpa no inimigo com cultura diferente e afirmar que são eles os violentos e com cultura

primitiva e rudimentar do que admitir os atuais fracassos do sistema secularista ocidental.

Existem violações dos direitos humanos em diversos países, em particular em muitos países africanos e asiáticos, mas nem todos eles são muçulmanos. É comum apontar a violência que ocorre em países muçulmanos e dizer que a culpa é da religião. E em países com outras religiões nos quais ocorrem violências semelhantes ou até piores, nem se questiona se a religião tem relação com isso; diz-se que é principalmente a pobreza que gera essa violência.

Em suma, religiões em geral, e particularmente a religião muçulmana, são muito mal compreendidas. É comum citar ataques terroristas ou a velha Inquisição cristã como exemplos de violência. Como se a religião causasse ou aumentasse tais atos e como se eles inexistissem em países laicos!

No livro “The Inquisition” por Michael Baigent e Richard Leigh, temos a seguinte passagem:

*"Paradoxalmente, as prisões da Inquisição eram frequentemente consideradas preferíveis àquelas das autoridades seculares. Houve ocasiões em que prisioneiros comuns voluntariamente confessavam heresia para serem transferidos de uma prisão secular para uma da Inquisição"*

Acredito ser esta uma das realidades mais fundamentais a serem entendidas a respeito da Inquisição da Igreja Católica: sim, foi algo bárbaro e desumano. Mas aqueles eram tempos em que tortura e morte sob tortura eram penas recorrentes a serem aplicadas até a prisioneiros comuns. Não foi um fenômeno exclusivo da Igreja. Como mostra o trecho, e como também já li em outros lugares,

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

particularmente a Inquisição católica era considerada mais "leve" do que outras formas de punição não religiosas da época.

Infelizmente o livro mencionado contém alguns erros, que eu só viria a descobrir ao ler uma biografia de São Domingos: "The Hidden Light: A Life of Saint Dominic" por Jennifer Moorcroft. Em "The Inquisition" os autores afirmam que a Inquisição foi fundada por São Domingos. Na verdade, São Domingos morreu em 1221 e a Inquisição só começou em 1234. É verdade que alguns dominicanos se envolveram na Inquisição posteriormente, mas conforme a história mostra, o fundador da Ordem dos dominicanos não se envolveu nisso.

Algumas pessoas podem considerar esse detalhe sem importância, mas para mim faz toda a diferença. Não basta ler somente um livro. É preciso pesquisar mais a fundo para aprender de onde vieram todas aquelas informações.

É claro que a religião pode trazer disputas, inclusive sobre questões teológicas, e que pode levar a guerras. Pode ser que o secularismo elimine guerras por motivos teológicos, mas em compensação aumenta guerras por motivos que seriam menores em comunidades religiosas que sempre enfatizam a importância de doar dinheiro para os mais pobres (a maior parte das instituições de caridade do mundo são religiosas) e ser menos individualista. Então, enquanto uma guerra ocorre pela defesa da autoridade de um texto religioso, outra ocorre por petróleo (sob o pretexto de disseminar a democracia

dos ocidentais mais "evoluídos"). Será que o violento e atrasado é realmente o religioso?

Hoje em dia muita gente deseja desenvolver sua espiritualidade por si mesmo, devido à influência das ideias de individualismo do mundo atual, pois hoje ter liberdade significa fazer o que eu quero, contanto que eu não prejudique outra pessoa, o que pode criar uma situação de indiferença com o outro (basta não machucar a outra pessoa e está tudo bem ignorar que ela existe). Além disso, perde-se um pouco o significado e contexto histórico das grandes religiões, ao tentar desenvolver uma espiritualidade *ex nihilo*, como se quase todos os dilemas espirituais pelos quais passamos já não tivessem sido debatidos longamente por várias religiões ao longo dos séculos! Estudar tais religiões e a história das religiões é essencial.

Por um lado, é aceitável que os brasileiros não conheçam muito bem o islamismo, já que não está entre as principais religiões brasileiras, embora seja a religião que atualmente mais cresce no mundo. No entanto, não acho que possuir um conhecimento apenas superficial acerca do cristianismo seja algo para se orgulhar. Somos a maior nação católica do mundo e a maior parte dos brasileiros são cristãos.

Sempre há aqueles que relacionam religião a atraso. Mas será que essa relação procede? E será que o desenvolvimento tecnológico é o único avanço que importa? Será que as religiões não têm muito a nos ensinar sobre o desenvolvimento da moralidade? Ainda assim, elas são mais que uma mera metáfora para desenvolvimento ético, pois nelas há também o espírito.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

João Paulo II inicia sua carta encíclica “Fides et Ratio” com a seguinte frase:

*"A fé e a razão são as duas asas com as quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade"*

Não são poucos os teólogos que acreditam que a fé não é oposta à razão, ou vice-versa: São Domingos, Santo Agostinho, Santo Anselmo, São Tomás de Aquino, só para citar alguns.

Inclusive, muitos defendem que a ciência floresceu tanto no Ocidente exatamente porque a religião católica incentivava a aliança de fé e razão. Ao contrário do que muitos acreditam, havia o estudo dos antigos clássicos greco-romanos nos mosteiros. A Igreja baseou-se fortemente em Platão e Aristóteles. Foi na Idade Média que as universidades nasceram e se desenvolveram.

Quem aprecia a filosofia ocidental deveria estudar mais a fundo a religião que provavelmente mais se baseou nos filósofos da Antiguidade Clássica: o cristianismo. A maior parte dos filósofos conhece apenas os antigos gregos, os filósofos modernos e os contemporâneos. Alguns podem até achar que os filósofos do medievo não merecem ser estudados porque sua filosofia se mistura com a teologia. Se fosse esse o raciocínio, pensadores como Platão, Kant, Descartes, Leibniz, Berkeley, Francis Bacon, Pascal, Kierkegaard, etc, seriam imediatamente deixados de lado porque eles misturaram a filosofia com suas crenças religiosas.

É um equívoco pensar que os teólogos cristãos apenas repetem o Catecismo da Igreja Católica em outras palavras. Cada um deles possui uma filosofia única e complexa, com argumentos completamente

originais, especialmente com base em história e filosofia.

Talvez você tenha sido cristão no passado, tenha frequentado a igreja, mas depois a abandonou porque não concordava com alguns ensinamentos e práticas que considerou preconceituosos.

Para essas pessoas eu pergunto: você ao menos tentou pesquisar mais a respeito das ideias cristãs? Já entrou no site do Vaticano (no caso do catolicismo), já leu as encíclicas e outras cartas lá disponíveis? Já leu o Catecismo? Já leu a Bíblia completa? Já leu os comentários sobre os evangelhos escritos por eminentes teólogos? Já estudou os pensamentos de teólogos medievais ou sabe alguma coisa sobre história do cristianismo? Conhece os escritos de Hugo de São Vítor, São João da Cruz, Abelardo, Mestre Eckhart, Thomás de Kempis, Inácio de Loyola, Teresa de Ávila, Catarina de Siena? Ou quem sabe os mais recentes, como Hans Urs von Balthasar, Karl Barth, Yves Congar, Henri de Lubac ou Karl Rahner? E, por favor, não me diga que nunca leu os livros de cristianismo do C.S. Lewis!

Se você respondeu de forma negativa a maior parte dessas perguntas, talvez não entenda realmente o que é o cristianismo. Você pode argumentar que apenas os teólogos deviam se ocupar de estudar isso tudo e não você. É verdade que algumas pessoas desenvolvem uma grande fé sem precisar da ajuda de livros. Porém, se você deseja criticar alguma religião com fundamento (ou defender) não basta apenas mencionar coisas que ouviu falar.

Por exemplo, você “ouviu falar” sobre a posição da Igreja em relação a contraceptivos, casamento gay,

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

aborto ou qualquer outra questão controversa. Já leu os documentos oficiais da Igreja sobre isso?

Na maior parte das vezes, nós odiamos aquilo que não compreendemos. Se você estudar qualquer área do conhecimento a fundo, é bem possível que descubra que há coisas de valor lá. No entanto, a nossa tendência é apenas criticar os aspectos negativos, como se não houvesse nenhum ponto positivo em ter fé e estudar uma das grandes religiões.

Se você porventura pensa que tudo ou a maior parte do que o cristianismo defende é pura bobagem, talvez considere que a maior parte da população mundial sofre de burrice aguda e ilusão coletiva. Mas você, é claro, sabe mais.

Eu não me considero uma especialista em teologia cristã, mas julgo ter lido livros o suficiente e vivenciado o cristianismo para escrever algo de valor a respeito dele. Gostaria de compartilhar o pouco que sei até agora, especialmente no que se refere ao catolicismo, que foi o ponto em que me foquei mais.

Até o presente momento, escrevi mais de cinquenta resenhas de livros de filosofia e teologia cristã nos meus blogs, as quais você poderá conferir caso deseje. Irei referir-me a várias dessas obras ao longo desse livro. Apoiarei a maior parte dos meus argumentos nessa literatura.

Um exemplo: quem afirma que os cristãos são intolerantes com outras formas de crença, talvez nunca tenha lido a declaração “Nostra Aetate: sobre a Igreja e as religiões não-cristãs”, escrita pelo Papa Paulo VI. Ela é bem breve e pode ser lida no site do Vaticano. Aqui há alguns trechos dela, mostrando a

posição da Igreja sobre religiões indianas (hinduísmo e budismo) e as demais religiões abraâmicas (islamismo e judaísmo).

*"A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens".*

*"A Igreja reprovava, por isso, como contrária ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor, condição ou religião. Consequentemente, o sagrado Concílio, seguindo os exemplos dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, 'observando uma boa conduta no meio dos homens. (1 Ped. 2,12), se, possível, tenham paz com todos os homens (Rom. 12,18), quanto deles depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está nos céus (Mt. 5,45)".*

Optarei por iniciar o primeiro capítulo com um assunto bastante em voga: a relação do cristianismo com a ciência, particularmente no que se refere a geocentrismo versus heliocentrismo e a evolucionismo versus criacionismo.

Vocês não precisam concordar com todos os argumentos e eu nem espero isso. O objetivo desse livro não é converter ninguém, mas apenas instigar o pensamento, para que assim possamos ampliar nossos pontos de vista. Se essa meta for alcançada, já terá valido a pena escrever esses pensamentos.

Wanju Duli, Porto Alegre, 12 de julho de 2016

## Capítulo 1: Ciência e Religião: Galileu e Darwin

Eu falho em ver porque há tanta controvérsia a respeito desse assunto. Como diria Shakespeare: “muito barulho por nada”.

A ciência se ocupa em descrever como as coisas acontecem. A religião se ocupa em explicar o motivo de elas ocorrerem. Que cada área cuide daquilo que lhe diz respeito.

E, como diria Bertrand Russell, a filosofia é a terra de ninguém entre a ciência e a religião. Ele fala disso na introdução do Livro 1 de sua trilogia “História da Filosofia Ocidental”, obra que estou lendo no momento.

Para sermos corretos, irei colocar aqui a citação exata:

*“Todo conhecimento definido, defendo eu, pertence à ciência; todo dogma referente ao que está além do conhecimento definido pertence à teologia. Entre ambas, no entanto, existe uma terra de ninguém, uma terra exposta a ataques de ambos os lados. Essa terra de ninguém é a filosofia. Quase todas as questões que mais despertam o interesse dos espíritos especulativos são questões para as quais a ciência é incapaz de oferecer respostas, e para as quais as soluções confiantes dos teólogos não parecem tão convincentes quanto no passado”.*

Eu realmente gosto do que Russell tem a dizer sobre filosofia e matemática, mas confesso que eu frequentemente fico com um pé atrás a respeito de suas opiniões sobre religião. Em 1935 ocorreu um

célebre debate entre esse filósofo e G.K Chesterton. Dizem que foi divertido.

É questionável a posição de que hoje em dia as soluções dos teólogos já não convencem tanto quanto no passado. Se não convencessem, a maior parte da população mundial talvez fosse ateísta ou agnóstica. E tanto o cristianismo (em particular a vertente protestante) como o islamismo estão crescendo no mundo, especialmente na África e na Ásia.

Minha explicação do motivo principal de as soluções dos teólogos não convencerem é simplesmente porque as pessoas não leem os livros escritos por teólogos. Antigamente muitos não sabiam ler. Hoje mais pessoas têm acesso à leitura, mas aparentemente buscam outros tipos de livros ou atividades.

Eu acredito que usar argumentos científicos para atacar ou defender religiões não seja a escolha mais acertada. Creio que argumentos filosóficos seriam mais corretos nesse caso, já que a filosofia está mais próxima da teologia do que a ciência.

A Bíblia é tida como um livro divinamente inspirado, mas foi escrita por seres humanos. Como se costuma dizer, a Igreja é ao mesmo tempo santa e pecadora. “Odeie o pecado, mas não odeie o pecador” é a recomendação. Podemos apontar e reprovar os erros da Igreja, mas isso não é motivo de dizer que não há nada de bom nela.

A ciência comete erros o tempo todo. O método científico é limitado. Novas teorias são substituídas por outras. E mesmo após incontáveis erros e

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

problemas, ninguém defende seriamente que a ciência deveria ser abolida por não ser perfeita.

No entanto, há quem diga isso sobre religiões, o que, a meu ver, é um contrassenso. Então, se uma religião não é perfeita ela não vale nada? Uma pessoa só pode aceitar ter uma fé se a instituição religiosa na qual ela acredita for perfeita?

A questão do geocentrismo e heliocentrismo é um exemplo clássico de embate entre ciência e religião. Costumam chamá-la de “revolução copernicana”. Mas será que foi mesmo uma revolução?

Evidentemente, a Igreja errou em mandar para a fogueira aqueles que não compartilhassem de sua posição. Mas ela não errou ao defender o sistema geocêntrico.

Em outros livros meus eu comentei a posição de Karl Popper e Thomas Khun a respeito da criação de teorias, modelos e paradigmas. Uma teoria pode ser verdadeira, mas dentro de um paradigma específico.

Isso não significa que a verdade é relativa. Significa que devemos analisar cada afirmação dentro de seu contexto (histórico, teológico, etc).

A maior parte das religiões estavam muito a frente de seu tempo na defesa dos direitos dos pobres e outras minorias. Querer julgar a posição delas no contexto dos direitos humanos criados no século XX e XXI é como querer condenar os antigos filósofos gregos que defenderam a escravidão.

Mas ninguém deixa de ler Platão e Aristóteles e admirá-los somente porque eles não tinham teorias que se parecessem com as teorias sociais do nosso tempo, ou com a ciência de hoje. Ninguém deixa de admirar os filósofos antigos mesmo quando eles

demonstravam preconceitos claros contra mulheres ou estrangeiros.

Então por que aquilo que os teólogos cristãos escreveram na Idade Média é considerado “atrasado”? Tente ler os teólogos cristãos contemporâneos e você verá que a religião não parou no tempo.

O cristianismo de hoje está bem diferente do que era no passado, especialmente após o Concílio Vaticano II da década de 60. Mas o tempo passa diferente dentro de uma instituição religiosa.

Uma religião não pode mudar todos os seus dogmas a cada descoberta científica que aparece. Até porque teorias científicas mudam com as novas descobertas.

De acordo com a física contemporânea, o movimento de um corpo pode ser relativo a posição de diferentes observadores. Portanto, partindo de um observador aqui da Terra, é verdadeiro dizer que o Sol gira em torno da Terra e não o contrário. Quem está fora de um trem, enxerga outra pessoa dentro de um trem se movendo. Mas para quem está no trem, é o mundo lá fora que se move. E todos nos movemos com a rotação da Terra, mas da nossa perspectiva estamos parados.

Dessa forma, tanto o heliocentrismo quanto o geocentrismo são igualmente corretos. Nenhuma teoria é intrinsecamente melhor que outra. Cada uma traz vantagens e desvantagens para situações específicas.

Em geral, é dito que o sistema heliocêntrico facilita os cálculos. Caso o objetivo da pessoa seja

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

esse, pode adotar esse modelo, mas isso não significa que ele seja a verdade.

Cientistas como Aristarco de Samos, Galileu, Copérnico, Kepler e Newton contribuíram muito com suas descobertas. Mas tudo o que ocorreu foi uma mudança de paradigma e não a descoberta de nenhuma verdade, já que a ciência apenas corrobora teorias. Ela não é capaz de dizer o que é verdade ou mentira.

Sendo assim, Aristóteles e Ptolomeu não estavam errados ao defender o geocentrismo. Ele pode ser um sistema válido até hoje, da mesma forma que é possível utilizar diferentes projeções cartográficas. Existe uma projeção cartográfica tida como melhor? Bem, depende qual é seu objetivo. É retratar com mais fidelidade os pólos ou as regiões próximas do Equador?

O ser humano apenas cria sistematizações para retratar a realidade, mas nenhuma delas é perfeita. São apenas aproximações.

Então para quem usa como argumento: “A Igreja errou em defender que o Sol gira em torno da Terra, então o cristianismo é falso” deve procurar um argumento melhor, pois esse não possui peso algum.

E se um dia a física não defender mais que o movimento de um objeto depende do referencial adotado? Bem, ainda assim a Igreja pode manter sua posição, seja ela qual for, porque, como foi dito antes, a Igreja não depende das afirmações científicas para alterar dogmas.

De qualquer forma, uma religião não precisa se posicionar sobre questões científicas e nem deve fazê-lo para provar que é verdadeira ou falsa, já que

ela lida mais com questões referentes a ética e metafísica (as quais a filosofia também se ocupa), mas principalmente com os assuntos espirituais. E esse espírito transcenderia até mesmo a filosofia e a razão.

Mas essa já é uma questão mais complexa de lidar, a qual retornaremos mais tarde. Enquanto isso, vamos ver o que Darwin tinha a dizer.

Quanto a ele, também não tem mistério. No próprio livro “A Origem das Espécies” o autor afirma:

*"Quanto aos meus sentimentos religiosos, acerca dos quais tantas vezes me têm perguntado, considero-os como assunto que a ninguém possa interessar senão a mim mesmo. Posso adiantar, porém, que não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus. Ao final, gostaria de encerrar com esta afirmação: Sistemáticamente, evito colocar meu pensamento na Religião quando trato de Ciência, assim como o faço em relação à moral, quando trato de assuntos referentes à Sociedade"*

Na época de Darwin havia muitos outros bons cientistas com suas próprias teorias da evolução, mas só a de Darwin ficou popular. Infelizmente, esses outros pensadores quase não são lidos hoje, o que pode gerar uma limitação ao pensamento científico, quando tomamos o que Darwin falou como dogma.

Nem é preciso se dar ao trabalho de argumentar contra a teoria da evolução para afirmar que ela em nada interferiu com o pensamento cristão. Essa teoria pode mudar muito ou pouco no futuro. Como sabemos, a ciência muda. Mas o fato de ela mudar também não irá alterar em nada com o cristianismo.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

E quanto ao Gênesis? Segundo o papa Bento XVI em seu livro “Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho”, há a possibilidade tríplice de leitura da Bíblia: interpretação histórica, moral e espiritual. Uma é o desenrolar comum dos acontecimentos, a leitura normal e mais literal. Outra são os ensinamentos éticos por trás das histórias. E uma possível leitura, considerada talvez mais elevada, seria a transcendente.

Como saber que tipo de leitura adotar para cada texto? Estudando. Além de ler as escrituras, é preciso ler os comentários. Centenas ou milhares de teólogos já escreveram livros com comentários a respeito dos diferentes livros da Bíblia. Já houve debates extensos sobre isso. Material não falta. Se duvidar, você irá achar diversos comentários com interpretações para cada frase bíblica.

Ainda mais quando falamos sobre um livro importante como o Gênesis! Ele não deve ser lido nem completamente de forma história, nem totalmente pelas implicações morais ou espirituais. Cada livro da Bíblia contém um misto desses três. Depende da passagem específica a considerar.

Nesse ponto, confesso que simpatizo um pouco mais com a posição católica: é importante conhecer os comentários. Podemos até, como os protestantes, tentar interpretar a Bíblia com o nosso coração, pedindo o auxílio do Espírito Santo. Mas não acho que isso deva ser feito em todos os momentos.

No livro "Lutero e Erasmo: livre-arbítrio e salvação" Erasmo argumenta a favor do catolicismo:

*"Um peso maior deveria ser atribuído aos juízos prévios de tantos homens instruídos, de tantos ortodoxos, de tantos*

*santos, de tantos mártires, de tantos teólogos antigos e recentes, de tantas universidades, de tantos concílios, de tantos bispos e papas - ou, em vez disso, confiar no juízo particular desse ou daquele indivíduo"*

Acho relevante confiar em pessoas que dedicaram uma vida inteira em estudar esse ou aquele texto, esforçando-se para traduzir com fidelidade o hebraico, o grego e o latim. Em vez disso, iremos deixar toda essa pesquisa de lado e confiar apenas em nossa capacidade de adivinhar a que a tradução da nossa Bíblia está se referindo?

É preciso conciliar: ter o momento de estudar em livros e ter o momento de sentir os textos por nós mesmos. Professores e guias não são inúteis. Existem pessoas experientes que têm muito a nos ensinar.

Eu sinceramente não entendo essa briga entre evolucionistas e criacionistas que ocorre principalmente nos Estados Unidos. Não saberia dizer qual dos lados é mais intolerante.

O evolucionista que defende que a teoria da evolução de Darwin é a verdade, talvez fosse se beneficiar em estudar filosofia da ciência, incluindo também epistemologia. Quem prega a evolução como quem prega uma religião talvez esteja meio confuso.

Está correto dizer que, de acordo com as evidências atuais, a teoria de evolução de Darwin é uma das teorias que nós temos que melhor explica a evolução das espécies com fidelidade. Deixando claro que até mesmo o uso do termo “evolução” não é tão preciso, como reconheceu o próprio Darwin, já que um ser humano não é mais evoluído que um pássaro

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

ou um microorganismo. Cada um está mais adaptado ao ambiente em que vive.

Há várias lacunas passíveis de questionamento na teoria de Darwin, mas de uma forma geral é uma ótima teoria, que provou-se revolucionária em sua época e vale a pena conhecê-la. Assim como também é interessante estudar a teoria de Lamarck para comparar a essa.

Saber que já existiu a teoria da abiogênese antes da biogênese também instiga o pensamento. Precisamos saber que não há apenas uma teoria verdadeira e hegemônica, mas que a ciência passa por diferentes processos de “avanço” e “retrocesso”.

Partindo dessa perspectiva, não acho negativo que as pessoas saibam que, além da teoria da evolução de Darwin, existem teorias evolutivas de outros pensadores, além daquelas que não defendem a existência da evolução. Dentre essas, temos teorias religiosas, não apenas do cristianismo, mas de outras religiões.

Por que não conhecê-las? Bem, porque a ciência deve se ocupar da biologia, certo? Mas nem sempre foi assim. Aristóteles bolou várias teorias em relação a biologia e relacionou-as também à filosofia e a outras áreas do conhecimento. Antes do surgimento do método científico de Descartes e Bacon, muitos outros cientistas bolavam suas teorias com outras metodologias.

Confiar apenas na ciência e no método científico para explicar a natureza pode nos fazer esquecer que nem sempre foi assim. Nem sempre houve esse tal “método científico”. Foi algo inventado por filósofos adeptos do empirismo.

Em “Novum Organum” Francis Bacon escreveu a célebre passagem:

*"Os que se dedicaram às ciências foram ou empíricos, ou dogmáticos. Os empíricos, à maneira das formigas, acumulam e usam as provisões; os racionalistas, à maneira das aranhas, de si mesmos extraem o que lhes serve para a teia. A abelha representa a posição intermediária: recolhe a matéria-prima das flores do jardim e do campo e com seus próprios recursos a transforma e digere. Não é diferente o labor da verdadeira filosofia, que se não serve unicamente das forças da mente nem tampouco se limita ao material fornecido pela história natural ou pelas artes mecânicas, conservado intato na memória. Mas ele deve ser modificado e elaborado pelo intelecto. Por isso muito se deve esperar da aliança estreita e sólida (ainda não levada a cabo) entre essas duas faculdades, a experimental e a racional".*

A ciência deve se apoiar na filosofia para se formar. Se os filósofos não questionarem seus métodos e aprimorá-los, o método científico atual simplesmente irá virar um dogma no qual iremos acreditar sem entender plenamente.

Por isso é recomendado que se leia livros de teologia. Para compreender a razão de ser dos dogmas cristãos.

Em “Fides et Ratio” João Paulo II alerta sobre aqueles que leem a Bíblia e interpretam de forma totalmente literal o que há nela:

*"Não faltam também perigosas recaídas no fideísmo, que não reconhece a importância do conhecimento racional e do discurso filosófico para a compreensão da fé, melhor, para a própria possibilidade de acreditar em Deus. Uma expressão, hoje generalizada, desta tendência fideísta é o 'biblicismo', que tende a fazer da leitura da Sagrada Escritura, ou da sua exegese, o único referencial da verdade. Assim, acaba-se por*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*identificar a palavra de Deus só com a Sagrada Escritura, anulando deste modo a doutrina da Igreja que o Concílio Ecuménico Vaticano II expressamente reafirmou”.*

De acordo com o catolicismo, deve-se confiar tanto na Bíblia quanto na Tradição da Igreja e uma ajuda a outra quando se tem dúvidas como proceder quanto a uma delas.

Temos um exemplo da medicina para esse caso. Por muito tempo a medicina confiou apenas nos testes empíricos realizados através do método científico, mas atualmente ela também considera a tradição e conhecimento popular. Existem ervas e métodos de tratamento usadas por tribos ou cuja eficácia é comprovada pela experiência. Não devemos ter o preconceito de considerar como incorreto todo o conhecimento não científico.

Dessa forma, é preciso ter um equilíbrio: atualmente a ciência defende a teoria da evolução, mas nem por isso deve fechar os olhos a outros tipos de conhecimento popular, com explicações alternativas. É preciso entender que a explicação criacionista não necessariamente contradiz a evolucionista.

Muitos teólogos defendem que Deus criou um mundo no qual a evolução é possível. Pelo que eu saiba a posição oficial do Vaticano é a de que a evolução é compatível com o criacionismo.

Eu honestamente não consigo pensar em nenhuma descoberta científica que possa comprometer os ensinamentos do cristianismo. Já tive até um professor, que era padre, que ousadamente disse que, caso fosse descoberto que o Buda histórico (Sidarta Gautama) não existiu, isso

não iria comprometer tanto os ensinamentos budistas, mas que caso fosse descoberto que o Jesus histórico não existiu, isso iria comprometer mais os ensinamentos cristãos.

Note: nem se fosse descoberto que Jesus não existiu isso não destruiria o cristianismo. Claro que essa afirmação é altamente controversa, sobre o impacto que isso teria. Eu particularmente acho que o cristianismo é tão poderoso que mesmo se todos os livros do mundo fossem destruídos e só restasse a Bíblia ou a Summa Theologica, ainda assim ele faria muito sentido.

A Bíblia é o livro mais lido do mundo. Isso quer dizer que a maior parte das pessoas são muito ignorantes e que durante mais de mil anos de história, ao longo da Idade Medieval, estavam todos iludidos? Já parou para pensar o quão arrogante é esse pensamento?

A nossa tendência é sempre pensar que a época em que vivemos possui todas as respostas e que tudo que foi dito no passado não prestava. Daqui mil anos, pode ser que estejam rindo das teorias de Einstein ou de Darwin. Nesse mesmo período, é possível que o cristianismo, o islamismo, o budismo e muitas outras religiões ainda estejam sendo praticadas, de forma firme e forte, pois a característica delas é serem atemporais.

Nós tivemos muitos avanços científicos que nos proporcionaram uma vida mais longa, mais qualidade de vida e conforto. Mas será que isso nos trouxe mais felicidade e mais respostas para a questão do sentido da vida? Eu acredito que o ser humano, no fundo, foi muito semelhante em todas as épocas (ou ao menos

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

nos últimos três mil anos) e sempre precisou das mesmas coisas.

O pensamento humano se transforma, mas não necessariamente “evolui”. A ideia de progresso é questionável. O que vem depois não é necessariamente melhor. Existe cada vez mais tecnologia em nossas guerras, mas será que isso é uma coisa boa?

Há o argumento de que em questão de direitos humanos, de defesa dos direitos das mulheres, dos negros, dos homossexuais e outras minorias, estamos avançando. Será que é isso mesmo? Vejamos o que o cristianismo nos mostra a respeito dessas questões.

## Capítulo 2: Idade Média, Preconceito e Liberdade

Escola Pitagórica. Grécia Antiga. A filósofa, matemática e profetisa Temistocleia é tida como a mestra de Pitágoras. Theano, Damo e Melissa foram algumas das discípulas do sexo feminino.

“Satyricon” de Petrónio. Nesse livro escrito em 60 d.C, são retratados diversos bacanais e personagens homossexuais partindo em altas aventuras, que eventualmente culminam em sexo, com descrições minuciosas.

Alguns defendem que a Antiguidade Clássica foi uma época maravilhosa na qual mulheres eram aceitas em algumas escolas de filosofia e eram as grandes profetisas da época. Além disso, ser gay era extremamente comum e bem aceito.

Essas mesmas pessoas dizem que essa época idílica mergulhou nas trevas da Idade Média, com a repressão ao sexo e com a repressão das mulheres.

Não estou aqui para defender que a Idade Média foi melhor que a Antiguidade Clássica ou foi melhor que a época atual. Até porque, essa história de “qual época foi melhor” sempre depende de qual aspecto estamos considerando. Foi melhor para quem? E para quê?

Só defendo que as pessoas parem de iludir a si mesmas com essa história de que houve uma época perfeita no passado (como a Grécia Antiga) que não voltará mais, ou que a época em que vivemos é muito

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

mais avançada do que antigamente. Não concordo com nenhuma dessas visões.

Como temos uma visão completamente distorcida da Idade Média, considero importante lembrarmos as coisas boas que aconteceram naquele tempo, sem negar que também ocorreram situações ruins. Assim como em absolutamente todas as épocas, há eventos maravilhosos e catastróficos. Cabe a cada historiador ressaltar a versão que desejar. Mas é uma preferência geral dos historiadores denegrir a imagem da Idade Média.

Pois, assim como praticamente não se estuda os filósofos do medievo na faculdade de filosofia, imagino que grande parte dos historiadores também não se deem ao trabalho de ir a fundo na tal “Idade das Trevas”, como se ela fosse um período de completa estagnação e tivesse permanecido exatamente igual por mil anos, num eterno déjà-vu.

Vejamos algumas passagens do livro “Idade Média”, especialmente a introdução de Umberto Eco:

*“Nasce a Universidade e, quer na Faculdade das Artes quer na Faculdade de Teologia, ensinam e escrevem grandes mestres como Abelardo, Alberto Magno, Roger Bacon e Tomás de Aquino [...] Ariosto, Erasmo de Roterdão, Leonardo e Lutero nascem na Idade Média”*

*“A Idade Média não ignora a cultura clássica. Conhecia Virgílio, Horácio, Tibulo, Cícero, Plínio, o Jovem, Lucano, Ovídio, Estácio, Terêncio, Sêneca, Claudiano, Marcial e Salústio”.*

*“A Idade Média não repudiou a ciência da Antiguidade. [...] Que a Terra era esférica já os gregos sabiam, desde o tempo de Pitágoras. Até um estudante do liceu pode facilmente*

*deduzir que, se Dante entra no funil infernal e, quando sai pelo outro lado, vê estrelas desconhecidas no sopé da montanha do Purgatório, isso significa que ele sabia perfeitamente que a Terra era esférica e escrevia para leitores que também o sabiam”.*

*“A Idade Média foi um tempo de grandes viagens. E não foi uma época apenas de místicos e rigoristas. Nesse mesmo período florescem histórias como a de Tristão e Isolda, de Lancelote e Guinevere, de Paolo e Francesa, em que o amor não é apenas espiritual, mas arrebatamento dos sentidos e contato físico; e também as celebrações da sensualidade pelos poetas goliardos não se mostram pudicas”*

*“A Idade Média não é sempre misógina. É também a época da mais apaixonada glorificação da mulher, quer pela poesia cortês quer pelos cultores do novo estilo, e pensamos na divinização que Dante faz de Beatriz. Não é apenas na imaginação poética e laica, no mundo monástico recordamos a importância de figuras como Hildegarda de Bingen ou Catarina de Sena, que se relacionam com os soberanos e são escutadas pela sua sabedoria e pelo seu fervor místico. Heloísa tem uma relação carnal com o seu mestre Abelardo quando, ainda menina e não consagrada à vida religiosa, frequenta a universidade, despertando a admiração dos colegas masculinos. Diz-se que no século XII Bettisia Gozzadini ensinava na Universidade de Bolonha e que no século XIV também ali ensinava outra mulher, Novella d’Andrea”*

*“A Idade Média não foi a única época iluminada por fogueiras. Queimava-se gente na Idade Média não só por motivos religiosos, mas também por motivos políticos, pensemos no julgamento e condenação de Joana d’Arc. Ardem hereges como frei Dolcino e ardem criminosos como Gilles de Rais, que assassinou e estuprou muitos meninos (falava-se de 200).*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*“A Idade Média aprende muito da medicina árabe, mas em 1316 Mondino de Liuzzi publica o seu tratado de anatomia e efetua as primeiras dissecações anatómicas de corpos humanos, dando início à ciência anatómica e à prática cirúrgica no sentido moderno do termo”*

*“A Idade Média inventa as liberdades comunais e um conceito de livre participação de todos os cidadãos nos destinos da cidade [...] São inúmeras as invenções medievais que nós ainda hoje usamos como se fossem coisas do nosso tempo: a chaminé, o papel (que substituiu o pergaminho), os algarismos árabes (adotados no século XIII com o Liber Abaci, de Leonardo Fibonacci), a contabilidade por partidas dobradas e, com Guido d’Arezzo, os nomes das notas musicais – e há quem mencione ainda os botões, as cuecas, as camisas, as luvas, as gavetas dos moveis, as calças, as cartas de jogar, o xadrez, os vitrais e os óculos”.*

OK, acho que essas citações são o bastante. Resolvi colocá-las aqui apenas para dar uma breve ideia da diversidade desse período que não foi, de forma alguma, apenas “trevas”. Além do mais, mesmo que os servos fossem presos à terra, representou um avanço em relação à escravidão da Antiguidade Clássica.

Acho bastante injusto dizer que a Igreja “reprimiu” as mulheres quando houve tantas santas católicas até hoje. Eu tenho certeza de que eu iria me cansar se eu fosse escrever os nomes das mais famosas, pois são dezenas ou centenas.

É verdade que houve um período obscuro, particularmente na história dos Estados Unidos, em que as crianças negras foram proibidas de frequentar as escolas católicas dos estados do sul, mas isso foi gerado por mais motivos políticos do que religiosos.

Sabemos que também há grandes santos católicos negros, como o extraordinário Martinho de Porres. Na verdade, há tantos santos católicos negros e africanos que também não caberia aqui citar todos eles.

Quanto à questão do amor sexual, é curioso que a primeira encíclica escrita por Bento XVI tenha sido dedicada a ele. Chama-se “Deus caritas est” no qual ele fala de Eros e Ágape. Vejamos o que esse papa fala sobre Eros:

*“Segundo Friedrich Nietzsche, o cristianismo teria dado veneno a beber ao eros, que, embora não tivesse morrido, daí teria recebido o impulso para degenerar em vício. Este filósofo alemão exprimia assim uma sensação muito generalizada: com os seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida? Porventura não assinala ela proibições precisamente onde a alegria, preparada para nós pelo Criador, nos oferece uma felicidade que nos faz pressentir algo do Divino?”*

*“Mas, será mesmo assim? O cristianismo destruiu verdadeiramente o eros? Vejamos o mundo pré-cristão. Os gregos — aliás de forma análoga a outras culturas — viram no eros sobretudo o inebriamento, a subjugação da razão por parte duma « loucura divina » que arranca o homem das limitações da sua existência e, neste estado de transtorno por uma força divina, faz-lhe experimentar a mais alta beatitude. Deste modo, todas as outras forças quer no céu quer na terra resultam de importância secundária: « Omnia vincit amor — o amor tudo vence », afirma Virgílio nas Bucólicas e acrescenta: « et nos cedamus amori — rendamo-nos também nós ao amor ». Nas religiões, esta posição traduziu-se nos cultos da fertilidade, aos quais pertence a prostituição «*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*sagrada » que prosperava em muitos templos. O eros foi, pois, celebrado como força divina, como comunhão com o Divino”.*

*“A esta forma de religião, que contrasta como uma fortíssima tentação com a fé no único Deus, o Antigo Testamento opôs-se com a maior firmeza, combatendo-a como perversão da religiosidade. Ao fazê-lo, porém, não rejeitou de modo algum o eros enquanto tal, mas declarou guerra à sua subversão devastadora, porque a falsa divinização do eros, como aí se verifica, priva-o da sua dignidade, desumaniza-o. [...]. Fica assim claro que o eros necessita de disciplina, de purificação para dar ao homem, não o prazer de um instante, mas uma certa amostra do vértice da existência, daquela beatitude para que tende todo o nosso ser”*

*“Dois dados resultam claramente desta rápida visão sobre a concepção do eros na história e na atualidade. O primeiro é que entre o amor e o Divino existe qualquer relação: o amor promete infinito, eternidade — uma realidade maior e totalmente diferente do dia-a-dia da nossa existência. E o segundo é que o caminho para tal meta não consiste em deixar-se simplesmente subjugar pelo instinto. São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do eros, não é o seu « envenenamento », mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza”.*

*“Isto depende primariamente da constituição do ser humano, que é composto de corpo e alma. O homem torna-se realmente ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do eros pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue esta unificação. Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animalesca, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro lado, renega o espírito e consequentemente considera a matéria, o corpo,*

*como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza. O epicurista Gassendi, gracejando, cumprimentava Descartes com a saudação: « Ó Alma! ». E Descartes replicava dizendo: « Ó Carne! ». Mas, nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é o homem, a pessoa, que ama como criatura unitária, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando ambos se fundem verdadeiramente numa unidade, é que o homem se torna plenamente ele próprio. Só deste modo é que o amor — o eros — pode amadurecer até à sua verdadeira grandeza”.*

Creio que nessa passagem fica claro que, diferente do gnosticismo, o cristianismo não identifica o corpo com o mal. Defende uma busca de equilíbrio entre o corpo e a alma.

Gostaria de colocar aqui a visão desse mesmo autor sobre os dogmas cristãos (Bento XVI é meu papa favorito, já li muitos livros escritos por ele, então vou citá-lo bastante), retirado do volume 1 do livro “Ser Cristão na Era Neopagã” (a propósito, o nome desse livro é engraçado):

*“Deve ficar claro que dizer que a opinião de alguém não corresponde à doutrina da Igreja não significa violar os direitos humanos. Cada um deve ter o direito de formar e expressar a sua opinião. No Concílio Vaticano II, a Igreja se declarou abertamente favorável a isso e o é ainda hoje. Mas isso não significa que todas as opiniões têm que ser reconhecidas como católicas. Cada um deve ter a possibilidade de se exprimir como pode e como quer diante da sua consciência, mas a Igreja deve poder dizer aos seus fiéis quais opiniões correspondem à sua fé e quais não correspondem. Esse é um direito e um dever, para que o sim seja sim e o não seja não, e seja preservada a clareza que ela deve aos seus fiéis e ao mundo”*

A ideia de liberdade é tão exaltada pela Igreja católica que é representada na história do jardim do

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Éden. Deus prefere que Adão e Eva tenham a liberdade de optar entre fazer o bem e o mal, mesmo que sofram com isso, do que arrancar-lhes a liberdade e obrigar-lhes apenas a fazer o bem.

No “Aquinas Shorter Summa” de São Tomás de Aquino, é dito:

*"A árvore foi chamada a árvore do conhecimento do bem e do mal não porque tinha o poder de causar conhecimento, mas por causa do resultado: ao comer dela o homem aprendeu por experiência a diferença entre o bem da obediência e o mal da desobediência"*

E aqui mais alguns pensamentos acerca da ideia da liberdade, dessa vez do livro “The Everlasting Man” por G.K. Chesterton:

*"O que o adversário do dogma realmente quer dizer não é que o dogma é ruim, mas que é bom demais para ser verdadeiro. Ou seja, quer dizer que o dogma é demasiado liberal para ser provável. O dogma confere ao homem liberdade em excesso quando permite que ele caia. O dogma confere até mesmo a Deus liberdade em excesso quando permite que ele morra. É isso que os cétricos inteligentes deveriam dizer; e não tenho aqui a menor intenção de negar que haja argumentos a favor disso. Os cétricos querem dizer que o universo é em si mesmo uma prisão universal, que a própria existência é limitação e controle; não é à toa que eles chamam a causação de cadeias. Numa palavra, eles simplesmente querem dizer que não conseguem acreditar nessas coisas, não que elas não sejam absolutamente dignas de crença. Nós dizemos, não só por falar mas muito literalmente, que a verdade nos tornou livres. Eles dizem que ela nos torna tão livres que não pode ser verdade. Para eles, acreditar na liberdade que temos equivale a acreditar em fadas. Alimentar a fantasia de homens com vontade própria equivale a acreditar em homens com asas".*

No livro “Ortodoxy” do mesmo autor, temos mais alguns trechos interessantes. Julguem por si mesmos:

*"O novo rebelde é um cético que não acreditará, inteiramente, em coisa alguma. Falta-lhe a lealdade e, portanto, nunca poderá ser, realmente, um revolucionário. E o fato de ele duvidar de tudo atravessa-se no seu caminho sempre que denuncia alguma coisa, porque toda denúncia implica algum tipo de doutrina moral, e o revolucionário moderno duvida não só da instituição que denuncia, mas também da doutrina que o leva a essa denúncia. Assim, escreve um livro queixando-se de que a opressão imperial insulta a pureza das mulheres e, logo a seguir, escreve outro (sobre o problema sexual) no qual ele próprio insulta essa pureza. Acusa o sultão, porque as moças cristãs perdem a sua virgindade, e depois acusa a senhora Grundy porque elas as conservam. Como político, gritará que a guerra é um desperdício de vidas e, depois, como filósofo, dirá que toda vida é um desperdício de tempo. Um pessimista russo denunciará um policial por ter assassinado um camponês e depois provará, pelos mais altos e filosóficos princípios, que o mesmo camponês devia ter-se suicidado. Um homem denuncia o casamento como uma mentira e acusa, a seguir, os aristocratas libertinos por tratarem-no como tal. Chamam a bandeira de penduricalho e insurge-se, depois, contra os opressores da Polônia ou da Irlanda por que lhes tiraram tal penduricalho. O homem desta escola primeiro vai a um comício político, onde se queixa de que os escravos são tratados como animais; depois, pega o chapéu e o guarda-chuva e vai para um simposio científico, onde prova que eles são, praticamente, animais. Em resumo: o revolucionário moderno, sendo infinitamente cético, está constantemente empenhado em minar as suas próprias minas. Num livro sobre política, ataca os homens por pisotear a*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*moralidade, e em outro livro sobre ética ataca a moralidade por pisotear os homens. Desta maneira, o homem moderno em estado de revolta tornou-se praticamente inútil para os propósitos da própria revolta. Revoltando-se contra tudo, perdeu o direito de se revoltar contra alguma coisa".*

*"Nunca pude entender onde os homens foram buscar a ideia de que a democracia se opõe, de certo modo, à tradição. É evidente que a tradição é somente a democracia projetada através dos tempos. É acreditar no consenso de vozes humanas, em vez de acreditar em qualquer documento arbitrário ou isolado. O homem que cita um historiador alemão em oposição à tradição da Igreja Católica, por exemplo, está apelando implicitamente para a aristocracia, pois apela para a superioridade de um perito contra a extraordinária autoridade de uma multidão. É perfeitamente compreensível o motivo pelo qual uma lenda é tratada com mais respeito - e assim deve ser - do que um livro de história. A lenda é, geralmente, criada pela maioria das pessoas sãs da cidade, ao passo que o livro é, geralmente, escrito pelo único homem louco dessa mesma cidade. [...] Se damos tanta importância à opinião dos homens comuns quando se trata de assuntos cotidianos, não podemos desprezar essa mesma opinião quando se trata da história ou de fábula. A tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto às mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que parecem estar por aí meramente de passagem"*

*"Alguns céticos escreveram que o grande crime do Cristianismo tinha sido o seu ataque contra a família. O Cristianismo arrastava as mulheres para a solidão e para a vida contemplativa de um mosteiro, longe de seus lares e de seus filhos. Mas logo outros céticos (ligeiramente mais avançados)*

*vinham dizer que o grande crime do Cristianismo era forçá-los ao casamento e à constituição da família, condenando as mulheres ao duro trabalho do lar e dos filhos, proibindo-lhes a solidão e a vida meditativa. As acusações eram, na verdade, contraditórias. Dizia-se, ainda, que algumas palavras das Epístolas ou do Rito do Matrimônio revelavam desprezo pelo intelecto das mulheres. No entanto, concluí que os próprios antricristãos sentiam desprezo pelo intelecto das mulheres, porque seu grande desdém pela Igreja no continente era devido ao fato de afirmarem que 'só as mulheres' a frequentavam. Outras vezes, o Cristianismo era censurado por seus trajas indigentes e pobres, por seu burel e suas ervilhas secas. Entretanto, no momento seguinte, o Cristianismo era censurado por sua pompa e ritualismo, seus relicários de pórfiro e suas vestes de ouro. Acusavam-no por ser demasiadamente humilde e por ser demasiadamente pomposo".*

Digamos que essas passagens são bem adequadas para ilustrar o tema do capítulo.

Há essa vontade tão forte de desprezar o cristianismo que volta e meia não se sabe mais porque há o desprezo. Atualmente o Papa Francisco tem se colocado a favor de uma Igreja mais próxima dos divorciados e homossexuais. É fundamental entender que não é apenas nas religiões que existem os de opiniões mais conservadoras e os de posições mais liberais. É preciso escutar a posição de todos, abrir comissões e espaço para diálogo. Nisso, a Igreja não é assim tão diferente de muitas outras instituições.

Os cristãos, sejam eles católicos ou protestantes, diferem entre si. É muito fácil dizer que “cristãos são preconceituosos” ou pessoas de tal posição política

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

também o são. As pessoas são diferentes e únicas e não se pode julgá-las olhando de tão longe.

O cristianismo é uma religião belíssima, assim como muitas outras. Mas, tal como essas outras, não é perfeita. E nem por isso deve ser completamente ignorada e alvo de críticas mordazes, especialmente da parte de pessoas que não pesquisam o suficiente para saber o que realmente está acontecendo.

Adotar a posição epistemológica de que o estudo do cristianismo não irá lhe beneficiar em nada é como dar um tiro no próprio pé. Assim você simplesmente rejeita mais de dois mil anos de literatura riquíssima.

Um exemplo da diversidade da teologia católica está em Karl Rahner. No livro “Karl Rahner: A Brief Introduction” por Karen Kilby é explicado que esse autor é conhecido por muitos como seguidor da corrente do “tomismo transcendental” que seria uma interpretação dos escritos de São Tomás de Aquino através da filosofia de Kant.

Em sua doutrina de salvação, ele afirma que até mesmo agnósticos e atéistas podem ser salvos, pois também estão no caminho da graça, assim como praticantes de outras religiões. Essa parte da teologia dele é bem complexa e não vou explicar aqui porque seria longo e porque eu mesma não entendi completamente. Segundo ele, a filosofia é a linguagem com a qual se faz teologia.

No próximo capítulo iremos analisar de forma mais aprofundada a proposta do cristianismo. Uma vez que ficou esclarecido que essa religião não é contra a ciência e é a favor da razão, analisaremos os ensinamentos cristãos de uma perspectiva racional.

Lidaremos com o problema do mal, argumentos a favor da existência de Deus e outras questões de natureza ética e metafísica.

Novamente, a meta aqui não é que você se convença de que os cristãos estão certos e vire cristão, mas meramente te sugerir que vale a pena debater essa religião extremamente importante e entender porque algumas pessoas a seguem com tanta fé.

Muitos afirmam que certos dogmas cristãos parecem ilógicos. Mas são exatamente esses que são complexos de entender que exigem um estudo fenomenal e aprofundado. Quanto mais difícil o desafio, maior a emoção da descoberta. Vamos a eles.

## Capítulo 3: Ética e Metafísica: A Santíssima Trindade e o Problema do Mal

*“Para aqueles que perguntam ‘O que Deus estava fazendo antes de criar o céu e a Terra?’ Porque (dizem eles) se ele estava desempregado e sem fazer nada, por que ele não continuou sem fazer nada como sempre? Eu respondo não como alguém que é dito que respondeu alegremente (se esquivando da pressão da pergunta): ‘Ele estava preparando o inferno para quem tenta penetrar nos seus mistérios’”*

Minha tradução desse trecho do livro de Santo Agostinho (Confissões) não está exatamente precisa, porque esse inglês antigo me dá um nó no cérebro.

Depois de fazer essa piada, Agostinho dá uma resposta mais elaborada: antes de Deus criar o mundo não existiria o tempo, então não faria sentido perguntar o que veio antes. Ele também fala um pouco a respeito daquela ideia de que se não existe nenhum ser para observar o mundo, o tempo (ou quem sabe até o mundo) não existe. Então ele pensou nisso muito antes de Berkeley. Depois ele se empolga e passa dezenas de páginas tecendo teorias sobre o tempo.

Debater a metafísica cristã é bastante empolgante, pois os teólogos bebem nas mais diversas fontes. Não somente em Platão, Aristóteles e os estoicos, mas em praticamente qualquer livro de

filosofia grega ou romana que caem em suas mãos. Como vimos na introdução de Umberto Eco do livro “Idade Média”, esse tipo de livro chegava nos mosteiros. Não duvido que obras de outros países também chegassem a suas mãos, até porque elas eram citadas pelos gregos, que faziam peregrinação ao Egito para visitar a famosa Biblioteca de Alexandria.

Existem os diversos argumentos clássicos filosóficos a favor da existência de Deus, como o argumento ontológico de Santo Anselmo e as cinco vias de São Tomás. No entanto, o mais bem elaborado, a meu ver, é o argumento moral de Kant.

Há vários argumentos contra e a favor a existência de Deus que usam explicações científicas. Na minha opinião, argumentos científicos não costumam ter muita força para tratar de questões teológicas. Simplesmente porque o método científico, baseado no empirismo e em verificações controladas, não é forte o suficiente para lidar com questões dessa natureza.

Então eu irei simplesmente ignorar aqui os argumentos empíricos e científicos porque os considero pouco importantes. No máximo, irei comentar rapidamente a respeito de alguns argumentos “a posteriori” que são intrigantes, mas não irei me ater a eles mais que o necessário.

Iniciemos com uma bela passagem bastante poética de Descartes, copiada por Leibniz do caderno secreto de Descartes:

*"O temor de Deus é o começo da sabedoria. Os atores, chamados à cena, usam uma máscara para ocultar suas faces afogueadas. Como eles, ao subir ao palco no teatro do mundo,*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*onde até agora fui somente um espectador, avanço mascarado. No tempo de minha juventude, testemunhando engenhosas descobertas, eu me perguntava se poderia inventar todas as coisas por mim mesmo, sem me apoiar no trabalho de outrem. Desde então, pouco a pouco, dei-me conta de que procedia segundo determinadas regras".*

No começo, Descartes duvida de tudo. Pode ser que nem ele e nem o mundo existam, pois gênios malignos poderiam estar enganando seus sentidos e sua razão. Porém, ele não questiona a existência de Deus, já que seria mais fácil duvidar de si mesmo do que do divino.

Segundo suas palavras, ele poderia duvidar da existência do Sol, do céu, da terra ou de qualquer objeto físico, mas não duvidar da existência de Deus. O Ser Perfeito, diz ele, seria tão certo quanto qualquer demonstração de geometria pode ser.

Em “Discurso do Método” temos esse trecho:

*"Finalmente, se ainda há pessoas que não estão persuadidas suficientemente da existência de Deus e da alma, pelas razões que aduzi, desejo que saibam que todas as outras proposições, de cuja verdade eles se julgam talvez mais assegurados, como a que temos um corpo, e que existem estrelas e uma terra, e similares, estão menos certas"*

Há quem diga que os seres humanos criaram os Deuses. Eu não duvido da capacidade das pessoas de criar poderosos seres, que poderiam se desenvolver e adquirir status divino. No entanto, creio que seria muita arrogância nossa pensar que apenas os humanos, os seres criados pela nossa mente e aqueles que apreendemos com nossos sentidos são os únicos que existem.

Em poucas palavras, é como afirmar que só existe aquilo que minha razão pode entender e o que meus sentidos podem sentir. Essa visão é extremamente limitada.

Existem pessoas que concordam que podem existir alienígenas, já que o universo é imenso, talvez até infinito, e ele já está por aí há muito mais tempo que nós (desde sempre, defendem alguns). Mas essas mesmas pessoas podem acreditar em alienígenas e não acreditar em anjos ou Deuses.

Isso devido à nossa atual visão materialista e secularista. Achamos que apenas a matéria é real. Só é real o que meus cinco sentidos entendem. Mas há outros animais que escutam frequências sonoras que para nós são inaudíveis, ou que enxergam cores que não vemos.

O materialismo, ao longo da história, existiu de forma muito tímida. Leucipo e Demócrito na Grécia Antiga seguiam essa tendência; ou, mais especificamente, poderíamos chamar essa filosofia de atomismo. O atomismo também existiu na Índia (e existe até hoje) numa religião chamada jainismo. Na Índia também havia os Charvacas, que não acreditavam em alma e defendiam ser a morte o fim da existência.

Pode ser empolgante estudar as filosofias ateístas do passado, pois elas sem dúvida existiram. No entanto, a maior parte delas desapareceu com o tempo e os textos originais foram perdidos.

Por isso, pode-se dizer que o ateísmo da época contemporânea é um fenômeno relativamente recente. Vale lembrar que o ateísmo é uma posição filosófica e, como tal, deve usar argumentos da

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

filosofia. Defender o ateísmo com exemplos da biologia como faz Richard Dawkins seria, segundo penso, evadir-se da questão principal.

Tratarei aqui de alguns argumentos a favor da existência de Deus que julgo válidos de mencionar.

O argumento ontológico de Santo Anselmo basicamente diz que Deus, sendo perfeito, além da onisciência, onipotência e onibenevolência também deveria ter o atributo da existência. Afinal, um Deus que existe na realidade seria maior do que um que existe somente no pensamento. E Deus sendo "algo a que nada superior pode ser concebido" não poderia existir apenas na mente, pois o "Deus na realidade" seria maior.

Brendan Sweetman diz em seu livro "Religião, conceitos-chave em filosofia" que esse argumento é particularmente bom para provocar reação em estudantes de graduação. Isso me faz lembrar de quando meu professor (o mesmo que foi meu professor de metafísica) mencionou esse argumento na aula de introdução à filosofia. A maior parte dos alunos ficou com cara de "Hã?" e cada um fez uma cara diferente, pensando e tentando refutar o argumento. É aquele tipo de coisa que você pensa: "Pera, isso tá errado! Mas não consigo achar onde está errado".

E apesar de existir diferentes formas de refutar esse argumento (que o autor aponta no livro) ele ainda continua em voga.

Já li diferentes refutações muito boas ao argumento ontológico. Mas a melhor que encontrei até agora foi uma ideia aparentemente bem simples, apontada por Martin Cohen na obra "Filosofia para

Leigos”: quem disse que existir na realidade é melhor do que existir somente no pensamento?

Isso significa que se Deus existisse somente no pensamento talvez ele fosse mais “puro” por não se contaminar com o mundo material, sendo apenas espírito. É uma ideia instigante. Mesmo assim, nenhuma dessas respostas realmente derruba o argumento. Até porque o conceito de “derrubar” um argumento filosófico é algo muito chato. O divertido é que todos continuem por aí, para que possamos sempre nos entreter com eles.

Como já foi mencionado, meu argumento preferido a favor da existência de Deus é o argumento moral de Kant. Irei colocar aqui alguns trechos do livro “Crítica da Razão Prática” e posteriormente irei adicionar os meus comentários:

*"Duas coisas enchem a alma de uma admiração e de uma veneração sempre renovadas e crescentes, quanto com mais frequência e aplicação delas se ocupa a reflexão: "O céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim"*

*"Os princípios da procura da felicidade não podem, de modo algum, produzir moralidade e, por conseguinte, resulta que o bem mais elevado (como condição primeira do sumo bem) constitui a moralidade, e a felicidade, ao contrário, forma o seu segundo elemento, de tal modo que é a consequência moralmente condicionada, mas não necessária da primeira"*

*"Nunca se deve tratar a moral em si como doutrina da felicidade, isto é, como uma disciplina para chegar a ser participante da felicidade, pois ela só tem relação com a condição racional da felicidade, mas não como meio de adquiri-la. Entretanto, quando ela (que apenas impõe deveres e não fornece regras aos desejos interessados) foi inteiramente proposta, só então, depois que desperta o desejo moral fundado*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*em uma lei de fomentar o sumo bem (conduzir a nós o reino de Deus), desejo que não poderia nascer interiormente de nenhuma alma interessada, e depois de que, para satisfazer esse desejo, foi dado o passo para a religião, podemos chamar esta doutrina moral também de doutrina da felicidade, porque a esperança da felicidade só desperta mediante a religião".*

*"Também se pode compreender com isso tudo que, se indagarmos pelo fim último de Deus na criação do mundo, não se deve responder que seja esse fim a felicidade dos seres racionais neste mundo, mas o sumo bem que acrescenta àquele desejo dos seres racionais ainda uma condição, a saber, a de ser digno da felicidade, isto é, a moralidade de todos esses seres racionais, que contém a única medida segundo a qual eles podem aspirar à participação da felicidade por mão de um sábio autor do mundo. Com efeito, já que a sabedoria, considerada teoricamente, significa o conhecimento do sumo bem, e, praticamente, a conformidade da vontade com o sumo bem, não se pode atribuir a uma sabedoria suprema, independente, um fim que apenas se funda na bondade. É que só se pode conceber o efeito da bondade (relativamente à felicidade dos seres racionais) sob a condição restritiva de um acordo com a santidade de sua própria vontade em conformidade com o sumo bem primordial. Por isso, aqueles que põem o fim da criação na honra de Deus (supondo que esta não se conceba antropomorficamente como inclinação para ser louvado) encontram a melhor expressão"*

Kant não era católico (mas era cristão protestante) e em seu livro "A Religião nos Limites da Simples Razão" faz algumas críticas duras e engraçadas ao catolicismo. Recomendo a todos que leiam esse livro, pois é uma das poucas obras de Kant que é ao mesmo tempo curta e fácil de entender. Há essa passagem espirituosa:

*"Malebranche preferia não atribuir em absoluto almas aos animais antes de admitir que os cavalos tivessem de suportar tantos sofrimentos sem no entanto ter anteriormente comido feno proibido"*

Kant é uma figura curiosa. Segundo ele, cumprir o nosso dever moral era um imperativo categórico. Era mais importante cumprir nosso dever do que desejar certo efeito no mundo lá fora. Ou seja, se um assassino que quer matar a sua mãe te perguntar onde ela está, você deve dizer a verdade, mesmo que sua mãe morra. Isso é perfeitamente exposto nesse trecho do livro "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", no qual Kant cita um imperador romano:

"Que a justiça seja feita, ainda que o mundo pereça"

No fundo, o argumento moral de Kant é muito simples: não estamos vivos para sermos felizes, mas para crescer em moralidade. O mundo não é um hotel cinco estrelas ou uma sauna. O sofrimento existe para que possamos nos tornar virtuosos, não é um "erro" na criação.

E isso responde de forma elegante o argumento do mal. Um dos argumentos mais célebres contra a existência de Deus é perguntar: "Se Deus existe, por que existe o mal?" Afinal, se Deus é onisciente sabe que o mal existe. Se é onipotente tem poder para evitá-lo. E se é onibenevolente quer evitá-lo.

O erro está apenas na terceira afirmação. Deus é onibenevolente, mas não quer arrancar o mal do mundo. A existência do mal é aquilo que nos permite aprender sobre virtude. E para que possamos escolher entre bem e mal precisamos ter a liberdade para fazê-lo.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Leibniz, em sua obra “Teodiceia”, afirma:

*"No Universo não apenas o bem é superior ao mal, mas também o mal serve para aumentar o bem"*

E na sua famosa teoria de que vivemos no melhor dos mundos possíveis (que é um dos pontos mais fortes do livro) o autor lembra que Deus tendo toda sabedoria, poder e bondade só poderia ter criado o melhor mundo possível. Ele, com sua sabedoria infinita, contemplou todas as possibilidades de mundos que poderiam ser feitos e dentre as opções escolheu o melhor deles (pela sua bondade infinita).

Leibniz divide o mal em três categorias: mal físico, mal moral e mal metafísico. Todos esses males estariam no mundo tendo em vista um bem maior e para isso ele usa o exemplo de uma peça de teatro citada por um autor antigo, que menciona uma cena da peça que, vista isoladamente, é ruim, mas considerada no todo da peça, somente torna a peça melhor, que não seria tão boa sem a cena. Portanto, os males que nos acometem seriam essas cenas isoladas que somente melhorariam o espetáculo. E não somente melhorariam as vidas humanas em suas individualidades, mas no todo do mundo, incluindo outras inteligências.

Como o próprio autor cita, a cidade de Deus (que não é só o nome de um filme brasileiro, mas de uma obra de Santo Agostinho) não nos seria conhecida e ele cita a possível e provável existência de alienígenas em outros planetas ou seres de outros planos como anjos e outras inteligências. Como o ser humano só vê uma pequena porção do mundo, ele não compreende o todo e por isso se queixa dos seus

males. Até porque, a nossa existência não é o centro do universo. Quando sentimos uma dor ou uma tristeza, a vida e o mundo não fazem sentido? Como se o mundo inteiro somente existisse para nos servir e agradar nossos prazeres físicos. Até porque a felicidade no cumprimento do dever moral estaria acima. Não somente porque a moralidade seria superior, mas também depois nos traria uma felicidade maior do que a felicidade aparente e momentânea que tomamos por alegria.

Agora uma passagem em homenagem aos que reclamam: "Por que Deus manda os maus para o inferno e os bons para o céu, então ele é mal? Ele não deveria amar e perdoar todos?" Então vejamos o que Leibniz nos diz sobre a compaixão que Deus tem em relação ao diabo:

*"Os antigos já haviam concebido que o diabo permanece voluntariamente distante de Deus em meio aos seus tormentos, e que ele não desejaria se emancipar por meio de uma submissão. Eles imaginaram que um anacoreta, em estado de visão, obteve a palavra de Deus que ele receberia o príncipe dos maus anjos na graça se ele quisesse reconhecer sua falta, mas que o diabo rebateu de uma maneira estranha a esse mediador. Ao menos os teólogos comumente concordam que os diabos e os danados odeiam a Deus e o blasfemam; e um tal estado não pode deixar de ser seguido da continuação da miséria"*

O argumento aqui é o seguinte: Deus realmente ama e perdoa a todos. E mandaria todo mundo para o céu contanto que os que cometeram erros se arrependessem. É dito que se aqueles que caíram no inferno se arrependessem ainda poderiam subir para o céu (o que de fato já aconteceu numa passagem descrita por Leibniz sobre um papa que salvou um

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

imperador do inferno com sua prece), porém também é dito que a maioria absoluta dos que caem no inferno se negam a ser salvos, talvez por orgulho ou por acharem alegria na própria maldade.

No livro “O Outono da Idade Média” de Johan Huizinga, é dito que na Idade Média o maior pecado era o orgulho, que foi o pecado que derrubou Lúcifer, e ele era combatido pela humildade. Esse era um conceito que funcionava na estrutura mais hierárquica do medievo, em que não era o dinheiro que dava mais status, mas o poder sobre outros, através, por exemplo, dos pactos entre senhores feudais.

No entanto, esse conceito foi mudando no final da Idade Média, com o advento da burguesia, quando o dinheiro começou a ser sinônimo de status. Desde então, um dos maiores pecados passou a ser a avareza. Enquanto o antídoto para a soberba era a humildade, para curar a avareza é preciso exercer a virtude da caridade.

Segundo Santo Agostinho:

*"Mas, sendo bom, não consentiria que o mal surgisse, se na sua Onipotência não pudesse do mal fazer surgir o bem"*

*"Deus deixou os anjos e os homens experimentarem o que eles podiam pelo seu livre-arbítrio, e depois aquilo que podia sua graça e sua justiça. [...] O pecado afastou o homem de Deus para aproximá-lo das criaturas [...] Se deleitar em pecar é a liberdade de um escravo"*

Outra questão citada por Leibniz em Teodiceia é que há uma alternativa antiga do Apocalipse na qual após todos os pecadores serem condenados ao inferno no Juízo Final, posteriormente Deus os salvará de qualquer forma.

Mas esse tipo de pensamento pode dar origem a um "sofisma preguiçoso" como chama Leibniz. É como pensar: "Já que serei salvo de qualquer forma, antes ou depois, então não farei nada". E não é isso que as religiões querem ensinar. Em diversas religiões é prometido uma salvação para todos no fim, mas o objetivo da religião não é apenas sermos salvos após a morte, mas sermos felizes no presente.

Outra questão: se Deus tudo sabe, ele é capaz de ver o futuro. Ele sabe tudo o que irá acontecer com cada um, o que implica no conceito de destino. Mas como encaixar aí o livre-arbítrio? Se teria sido o destino de Adão pecar, então ele não cometeu um pecado de fato e não teria culpa. O mesmo se dá em relação a Judas.

Leibniz responde a isso dizendo que Deus é capaz de ver todos os mundos possíveis. No momento que criou Adão havia um mundo possível em que ele pecava e outro no qual ele não pecaria. Mas por causa do pecado de Adão, Jesus veio ao mundo e esse bem poderia não ter acontecido se não houvesse esse pecado. E se Judas não tivesse entregado Jesus ele também não teria sido capaz de apagar o pecado de Adão. E um bem que veio da negação da Árvore da Vida é que assim cada um poderia ser capaz de adquirir a imortalidade por seu próprio mérito.

Sendo assim, seria possível, segundo Leibniz, conciliar a presciência de Deus com o livre-arbítrio do homem. Na verdade essa questão não é fácil de compreender. Há quem argumente (e Descartes fala algo parecido) que do ponto de vista de Deus (absoluto) existe o destino e do ponto de vista do ser

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

humano (relativo) há livre-arbítrio, mas dizer isso seria o mesmo que afirmar que o destino é verdade e a liberdade humana é ilusão. E isso seria o mesmo que atribuir o pecado a Deus, segundo diz Leibniz.

Como Deus viveria fora do tempo, ele poderia ver o todo, mas como o ser humano é temporal, para ele o livre-arbítrio ocorreria de fato. Digamos que o mundo possível em que Adão não pecasse seria melhor somente naquele momento, mas não o que viria depois disso. Poderia ser que após essa ocasião, Adão cometesse um pecado ainda pior. Ou que o diabo, sem ter seres humanos pecadores com os quais se distrair, fosse fazer guerra com Deus e derrubasse vários de seus anjos.

Leibniz também menciona aquela briga do Lúcifer com Miguel. Lembro que no Corão eu li que Adão era superior aos anjos e que os anjos se ajoelhavam diante dele. Mas depois que Adão pecou, tornou-se menor. E segundo Leibniz a única maior que os anjos hoje em dia é a Virgem Maria.

Mas voltando à questão dos argumentos a favor da existência de Deus, gostaria de comentar um pouco mais sobre o argumento moral de Kant, pois até agora só falei disso muito superficialmente.

Aqui vão algumas passagens de “Crítica da Razão Pura”:

*"Posso fazer uso do conceito e da pressuposição de um Ser Supremo na consideração racional do mundo? Sim! [...] Isso é possível, com a condição de que nos seja indiferente ouvir que a sabedoria divina assim ordenou tudo, e para suas finalidades supremas, ou que a ideia da sabedoria suprema é um regulador na investigação da natureza e um princípio da unidade sistemática e final dessa natureza, segundo as leis físicas gerais,*

*até mesmo nos casos em que não temos capacidade de detectar essa unidade"*

O autor afirma que sem as ideias de Deus, alma e liberdade todo o sistema moral desabaria. Não teria um sustentáculo seguro.

*"Chamo de lei pragmática (regra de prudência) a lei prática que tem por motivo a felicidade, e lei moral (lei dos costumes), se é que existe, a lei que tem apenas por motivo indicar como podemos nos tornar dignos de ser felizes. A primeira aconselha o que temos de fazer, se quisermos alcançar a felicidade; a segunda dirige a maneira pela qual devemos nos comportar para poder merecer a felicidade"*

Aqui vemos o conceito de que o cumprimento do dever moral deveria estar acima da busca individual da felicidade. E que, no fundo, somente uma vida ética traria ao homem uma verdadeira felicidade, pois sua consciência estaria em paz.

*"Por mais longe que a razão prática tenha o direito de nos conduzir, não consideraremos nossas ações obrigatórias por serem mandamentos de Deus, mas as consideraremos mandamentos de Deus porque temos para com elas uma obrigação interna"*

Uma interpretação racional da fé em Deus e uma indicação da existência de Deus como necessária ao sistema moral.

Kant comenta que as pessoas possuem as mais variadas visões de mundo e geralmente tentam defendê-las com unhas e dentes. Poderiam apostar até dinheiro para convencer outra pessoa de que estão certos. Porém...

*"Se alguma vez imaginássemos estar apostando a felicidade de toda a nossa vida, o tom triunfante de nosso juízo se ofuscaria totalmente e nos tornaríamos extremamente*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*temerosos; começaríamos, então, a descobrir que nossa fé não vai tão longe assim. A fé pragmática, portanto, existe sempre em algum grau específico, grande ou pequeno, segundo a natureza do interesse que está em jogo"*

Essa é uma afirmação forte. Segundo Kant, cada um tem uma grande fé em seu sistema de crenças, seja ele ateísmo, deísmo, teísmo ou qualquer outro tipo, de caráter metafísico ou moral. No entanto, se tivéssemos que apostar toda a nossa felicidade ou mesmo nossa vida tendo em vista defender que nossa visão de mundo é realmente excelente, a maioria daria um passo para trás.

Para Kant, a fé em Deus (ou convicção racional na existência de Deus tendo como base a razão pura) torna-se poderosa quando se apoia no argumento moral. Nesse caso seria possível, sim, apostar a felicidade da vida nessa crença, já que ela consistiria na certeza de que a lei moral nos torna dignos da felicidade. Além disso, ela estaria acima do próprio desejo por felicidade individual, já que o cumprimento do dever viria antes, o que torna a aposta ainda mais fácil.

Segundo Kant, quando buscamos a "liberdade" isso se refere somente a uma liberdade psicológica e relativa e não a transcendental ou absoluta, pois esta última viria somente através do cumprimento do dever, acima de tudo. Contudo, não seria moral cumprir o dever em busca da liberdade, pois o importante é cumprir o dever pelo dever, e se viria liberdade ou não depois não seria tão relevante.

A busca da moralidade seria algo racional e definido, por isso estaria acima da felicidade (que, assim como a noção humana da liberdade, também é

psicológica e relativa). Então, a busca da moralidade não traria nem felicidade e nem liberdade. Ela deve ser buscada por si mesma, porque ela é excelente.

Por isso o primeiro mandamento: “Amar Deus acima de todas as coisas” que Kant traduziria como “Amar o cumprimento do dever moral acima de todas as coisas”.

Sendo assim Deus, ou o imperativo categórico para o cumprimento do dever moral existe, já que sem a existência de Deus para sustentá-lo, o sistema inteiro desabaria.

Ou, conforme dito por Espinosa em “Ética”:

*"Deus existe necessariamente C.Q.D."*

E aí vem a resposta da pergunta: por que seguir a moralidade se isso não traz nem felicidade e nem liberdade? Por exemplo, alguém cumpriu um ato moral que trouxe a ele bastante sofrimento e até uma falta de liberdade. No entanto, se essa pessoa seguiu o seu dever, isto está acima daquelas duas condições. Se a pessoa escolhe não realizar um ato moral em proteção da própria felicidade, ela teria perdido seu direito à felicidade (absoluta) em prol de uma tal felicidade (relativa) incerta e momentânea.

De qualquer forma, como foi dito, também seria errado cumprir seu dever moral esperando recompensas de quaisquer tipos. Quem cumpre seu dever buscando uma suposta liberdade absoluta não estaria realizando um ato moral. Seria quase como fazer o bem esperando o céu como recompensa. Na doutrina católica seria melhor adorar a Deus e realizar boas ações não porque vamos receber algo bom através disso (pois esse algo bom relativo, como uma recompensa sutil e imediata pode vir, mas

também pode não vir) mas porque o ato de adorar a Deus (no caso de Kant, a moralidade como imperativo categórico) seria bom em si mesmo, seria um dever.

Voltando a comentar sobre o livro de Brendan Sweetman, em outra parte da obra também se aborda a seguinte questão: se Deus existe, por que não se faz perceber mais claramente? E um bom argumento a isso seria: Deus manteria uma distância epistêmica dos seres humanos exatamente para que a crença se torne mais genuína. Afinal, se Deus tivesse se mostrado claramente e sem sombra de dúvida a todos os seres da Terra, nem seria necessário acreditar nele, já que sua existência seria uma certeza. Alguém que crê e louva a Deus sem possuir essa prova evidente seria mais louvável.

É a mesma coisa a respeito da questão do livre-arbítrio. Cada um tem a escolha de fazer o bem ou o mal. Segundo os teístas, se Deus não tivesse dado a livre vontade aos humanos e sempre os inclinasse para o bem, eles seriam desprovidos da capacidade de escolha moral, que seria o atributo mais precioso dos seres humanos após a dádiva da vida. E fazer o bem quando se tem a escolha de fazer o mal se torna superior a fazer o bem quando não se tem escolha nenhuma.

Portanto, acreditar em Deus quando se tem a escolha de não acreditar (já que Deus não se faz conhecer de forma indubitável) e fazer o bem quando se pode fazer o mal elevaria o aprendizado moral dos seres humanos que, segundo Kant, seria o objetivo máximo, até mesmo acima da felicidade.

No último capítulo do livro há um debate quente. Qual é a vantagem de acreditar que “minha religião está certa”? Não seria muito melhor acreditar que todas estão certas, mas manifestam isso de formas diversificadas?

O autor aponta que há três abordagens sobre a questão: exclusivismo, pluralismo e inclusivismo. Os exclusivistas religiosos seriam aqueles que acham que somente a sua religião é a verdade e todas as outras estão erradas. A vantagem desse pensamento é que dá ao praticante uma forte fé e a desvantagem seria uma provável intolerância religiosa. Já os pluralistas religiosos seguiriam a divisão de Kant entre o mundo numêmico e o mundo dos fenômenos. Já que não seríamos capazes de ver a realidade tal qual ela é, mas apenas fenômenos, as diferentes religiões seriam somente interpretações da verdade que não pode ser vista, como na história dos cegos e do elefante. Portanto, todas as religiões estariam certas simultaneamente. A vantagem dessa visão é que traz tolerância religiosa e a desvantagem é que pode levar ao relativismo e ceticismo.

E existe outro problema com a visão pluralista. Embora seja aparentemente uma visão respeitosa e que aceite diferentes pontos de vista, ela também clama ser uma verdade. Como o próprio autor aponta, o pluralista se veria como a pessoa capaz de ver o quadro completo (o elefante) e o mundo real, enquanto todos os outros seriam cegos e veriam apenas uma porção da realidade. Então ironicamente essa pessoa também estaria tentando impor sua verdade que estaria disfarçada de tolerância.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

O autor aponta como alternativa o inclusivismo religioso, que seria uma terceira opção que conteria um pouco das duas anteriores. Uma pessoa pode ter uma religião e acreditar plenamente que ela seja a verdade, mas isso não impediria os outros de serem salvos. Por exemplo, um cristão acreditaria em toda a doutrina cristã como verdade, mas ao mesmo tempo aceitaria que pessoas de outras religiões ou mesmo ateístas também podem ser salvas se seguirem certos princípios morais.

Mas qual é o papel da fé nas religiões? Se Kant conseguiu explicar a existência de Deus de forma satisfatória usando a lógica, por que a fé é necessária?

Santo Anselmo responde em seu “Proslogion”:

*"Desejo reconhecer um pouco a tua Verdade, que o meu coração crê e ama. Na verdade, não procuro antes compreender para crer, mas creio para compreender. Pois também creio nisto: "se não acreditar, não compreenderei"*

Eis a ideia, também apontada por Leibniz, de que a filosofia é a serva da teologia. Um argumento a favor da existência de Deus não serviria para que uma pessoa acreditasse em Deus através dele. Ele estaria direcionado para alguém que já acredita em Deus e essa fé seria necessária ao entendimento do argumento em questão.

Essa é uma das diferenças básicas entre teologia e filosofia. Na filosofia são aceitos os argumentos lógicos, utilizando principalmente a razão como condutora. Na teologia, a filosofia é apenas a linguagem com que se faz teologia, como diria Karl Rahner. Usa-se argumentos lógicos para explicar os ensinamentos, mas a fé é aquilo que nos conduz e não a razão.

Afinal, a razão humana possui limitações. Com a fé em Deus, que possui sabedoria infinita, estaríamos mais seguros para construir os raciocínios posteriores. É como se a teologia iniciasse da seguinte forma: “Minha razão é limitada, então construirei todo o meu raciocínio e conduzirei minha existência no mundo partindo, em primeiro lugar, do pressuposto de que não sou capaz de saber tudo, e somente Deus sabe”. E a filosofia começa assim: “Minha razão é limitada, mas irei servir-me apenas dela mesmo assim e verei o que dá para fazer”.

No livro “A Igreja da Misericórdia” do Papa Francisco, ele tende a focar na visão de uma Igreja que deve se direcionar principalmente para ajudar os pobres e também fala de justiça social. Porém, ele também repreende uma interpretação apenas política e materialista da religião.

Eu também acho curioso quando pessoas dizem que a existência das religiões serve apenas para criar uma mitologia que dê consolo psicológico e que os ensinamentos devem ter como intuito nos motivar a sermos mais generosos, ajudando os outros dando comida, ajuda material, etc.

Tudo isso é muito bonito e necessário no mundo em que vivemos, mas eu não acho que religião seja apenas sobre isso. Ela contém isso, mas está muito longe de ter uma finalidade materialista, como é o caso da política, por exemplo. Sistemas políticos, não importa se seja capitalismo ou socialismo; ambos possuem uma visão apenas materialista da sociedade, utilitarista.

Mas religião é exatamente sobre o transcendente! O que transcende o ser humano e a matéria, que vai

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

além do que vemos e tocamos. Para o religioso, as realidades expressas pela religião são verdades e não uma "metáfora". O objetivo final será sempre espiritual e não material.

Kant usa o termo "transcendental" em outra conotação, mas não deixa de ter alguma semelhança, já que o imperativo categórico do cumprimento do dever moral é algo que está acima de nós mesmos (do nosso desejo por felicidade e liberdade), portanto nos transcende.

Claro, a matéria é o básico, ela deve ser considerada e não desprezada. Mas, como dizem os cristãos, nem só de pão vive o homem.

Bento XVI em seu livro "Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho" diz:

*"Paulino respondeu que o seu dar aos pobres não significava desprezo pelos bens terrenos, mas, ao contrário, uma valorização sua para a finalidade mais nobre da caridade".*

No livro "João Paulo II: Homem de Oração" por Anderson e Bogle, também há a seguinte passagem:

*"São João da Cruz é muitas vezes considerado demasiado negativo e sombrio pelos leitores modernos, mas a verdade é que ele é precisamente o oposto. A renúncia, a abnegação e o desprendimento das coisas criadas ajuda a libertar a alma para amar a Deus, as outras pessoas e a criação da forma que Deus quer. O desejo de posse leva a uma pobreza espiritual e afastamos das graças que Deus nos quer dar. **As outras pessoas, o mundo criado, até mesmo as coisas, são todos bons**, mas o nosso desejo delas amortece a nossa fome espiritual de Deus. Para São João, nada interessa tanto como ter Deus. A sua forma de renúncia é na verdade um abandono total de tudo que não é Deus. No entanto, ao desistir de tudo,*

*a alma fica liberta e é capaz de amar tudo a um nível muito mais profundo"*

Sobre a explicação da Santíssima Trindade, Erasmo de Rotterdam faz uma piada sobre isso em seu livro "Elogio da Loucura":

*"Eu mesma ouvi desses ilustres loucos... perdão, eu quis dizer um desses ilustres doutores: ele ia explicar o mistério da Santíssima Trindade perante um ilustre auditório. Para mostrar que sua ciência não era vulgar, e para satisfazer ao mesmo tempo os ouvidos teológicos, procedeu de uma maneira completamente nova. Falou primeiro das letras do alfabeto, das sílabas que compõem as palavras e das palavras que compõem o discurso; depois, disse de que maneira o nome deve harmonizar-se com o verbo, o substantivo e o adjetivo. A maioria dos ouvintes estavam espantados. Alguns até murmuravam em voz baixa este verso de Horácio: Quorsum haec tam putida tendunt? (Qual pode ser o objetivo de tais tolices?) Por fim, ele conseguiu demonstrar que os princípios da gramática são uma imagem fiel do mistério da Santíssima Trindade, como não o faria de forma mais clara e evidente o geômetra, com todas as suas figuras. Esse sublime doutor esfalfara-se durante oito meses para compor essa obra-prima aquiteológica, e agora está mais cego que uma toupeira: nos esforços de gênio que foi obrigado a fazer, seu espírito consumiu toda a sutileza de sua visão. Aliás, ele não se incomoda em absoluto de estar cego: acredita que a perda da visão não é um preço bastante caro para a glória imortal que conquistou"*

Erasmo era cristão, e católico, mas isso não impedia que ele se divertisse.

É engraçado que nós queremos que o mundo seja do mesmo jeito que é a nossa mente. Por isso, alguns dos antigos gregos afirmavam que os planetas giravam em órbita circular. Simplesmente porque a

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

mente humana acha o círculo mais belo. Mas isso não significa que o universo irá seguir os nossos padrões de beleza.

É dito que Pitágoras afogou o seu discípulo que quis mostrar que a raiz de 2 é um número irracional. Pitágoras não admitia a existência de números que não fossem inteiros, então simplesmente dizia que eles não existiam.

No entanto, a mente de Deus não segue um raciocínio humano. Pode ser que para a nossa mente a existência de um Deus Uno seja mais lógica e bela. Mas por que as coisas precisam ser simétricas e ordenadas?

Nas atuais descobertas da física, está se encontrando uma série de paradoxos para o funcionamento da realidade. Atualmente, já estão até acostumados a tais aparentes maluquices. A própria Teoria do Caos mostra que o universo não se comporta necessariamente de maneira regular.

Se não me engano, foi C.S. Lewis quem deu esse argumento: de que a Santíssima Trindade, exatamente por contrariar as concepções de nossa mente, deveria ser tomada como uma crença provavelmente verdadeira.

Não seria muito estranho se Deus fosse um só (como defendeu o frade Ockham com sua navalha) e se tudo se comportasse exatamente de acordo com as nossas expectativas? Para alguns, quanto mais estranhos são os dogmas de uma religião (o Filho de Deus também é Deus! Nós comemos o corpo de Cristo na Igreja! Adão e Eva cometeram o pecado original, foram expulsos do paraíso e depois Jesus morreu para nos salvar!) mais interessantes e

instigantes são para que se estude, para que se penetre profundamente nas implicações teológicas de tais afirmações.

Nesse ponto entra conjuntamente com a lógica a fé. Pois a fé não enfraquece o pensamento teológico, mas o fortalece.

O argumento é o seguinte: se o cristianismo tivesse sido apenas uma religião inventada por seres humanos, ela provavelmente corresponderia mais às expectativas da nossa mente. Ela não teria esses elementos estranhos como Deus Trino.

Eu sinceramente acredito que não somente o cristianismo, mas muitas outras religiões foram formuladas com inspiração divina. Foi um trabalho conjunto de Deus e dos seres humanos. Sim, a Bíblia foi escrita por seres humanos, mas por inspiração divina. Pode conter erros e problemas de tradução, mas há ali a presença do Espírito Santo.

Pois como já foi dito, é muita arrogância pensar que estamos sozinhos no mundo. Que todas as ideias que temos provêm de nós mesmos.

Eu acredito que existam outras inteligências, não somente Deuses, mas anjos e outras criaturas que podem se comunicar e interagir conosco até certo ponto. Alguns poderiam dizer que tais seres necessariamente existem porque contrariam a lógica humana de simetria. Mas também se poderia usar o argumento contrário: elas existem porque a probabilidade de apenas os seres humanos e os animais existirem ao nosso redor, e apenas esse plano de existência, é extremamente baixa.

Antes da descoberta dos microorganismos, e a formulação da teoria microbiana das doenças, não se

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

acreditava que esses seres microscópicos pudessem existir. Era um pensamento aparentemente tão absurdo quanto acreditar em anjos.

Quando não se sabia sobre os microorganismos, muitos acreditavam que as doenças podiam possuir origem divina; que uma pessoa pudesse cair doente como punição por ter realizado maus atos.

Porém, eu acho curioso que, uma vez descobertos os microorganismos, essa teoria tenha se enfraquecido. A ciência só descreve como as doenças acontecem. Não explica o motivo de elas acontecerem.

Podem ser, sim, que as doenças ocorram pelo resultado de nossas ações morais, ou, no caso das filosofias indianas, de acordo com o karma. Mas também seria muito limitado reduzir as coisas ruins que nos acontecem a “punições”. Principalmente porque nos acontecem coisas ruins não necessariamente como castigo, mas para que crescamos em moralidade. E a morte não é tampouco um castigo definitivo para aqueles que consideram a realidade do pós-vida.

É por isso que eu repito: as descobertas científicas em nada interferem nas explicações teológicas. A teologia não pode ser afetada pelas descobertas científicas, pois suas explicações se baseiam muito mais na filosofia do que na ciência. Mas até mesmo sem a filosofia a teologia ainda pode se sustentar, pois ela se apoia muito mais na fé do que na razão.

Já a ciência precisa da filosofia. O método científico precisa ser constantemente analisado e reformulado e isso deve ser feito por filósofos.

No caso da teologia, tudo já foi dito, mas é instigante encontrar novas maneiras de dizê-lo, relacionando-a às diferentes áreas do conhecimento. Isso somente a enriquece.

No cristianismo basta ter fé. Não é preciso saber de tudo. Mas a busca pelo conhecimento é incentivada, até mesmo para fortalecer a fé, como nos mostram os dominicanos.

Conforme foi dito no livro “The Life and Prayers of Saint Thomas” de Wyatt North:

*"Embora a fé transcenda a razão, a filosofia racional e o estudo científico da natureza podem enriquecer e expandir as doutrinas da fé"*

*"Os seres humanos se tornam mais como Deus ao crescer em conhecimento, e tornar-se mais como Deus, de acordo com Aquino, é a desejada finalidade de toda a humanidade"*

Na biografia de São Tomás de Aquino de G.K. Chesterton nos diz o autor:

*"Pode ser dito que o tomista começa com algo sólido como o gosto de uma maçã, e depois deduz uma vida divina pelo intelecto; enquanto o Místico esgota o intelecto primeiro, a diz finalmente que o sentimento de Deus é algo como o gosto de uma maçã. Um inimigo comum pode argumentar que São Tomás começa com o gosto da fruta e São Boaventura termina com o gosto da fruta. Mas ambos estão certos; se eu posso dizer, é um privilégio das pessoas que se contradizem estar ambas certas. O Místico está certo ao dizer que a relação de Deus e homem é essencialmente uma história de amor; o padrão e o tipo de todas as histórias de amor. O Dominicano racionalista está igualmente certo ao dizer que o intelecto se sente em casa com o mais elevado dos céus; e que o apetite pela verdade pode durar mais e até mesmo devorar os entediantes apetites do homem"*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Segundo São Tomás de Aquino, um homem não é um homem sem seu corpo, assim como um homem não é um homem sem sua alma. Pois um homem sem alma seria um cadáver e um homem sem corpo seria um fantasma.

De forma análoga, ele irá aliar a fé e a razão, como nos recomenda João Paulo II na encíclica “Fides et Ratio”.

No próximo capítulo iremos concluir algumas das questões iniciadas neste e, somando-se a isso, falaremos um pouco sobre as práticas do cristianismo, incluindo também a mística cristã.

## Capítulo 4: Práticas Místicas

*"Uma visão do mundo que não pode dar sentido também ao sofrimento e fazer dele algo precioso não serve para nada. Ela fracassa quando surge a questão decisiva da existência. Aqueles que dizem apenas que o sofrimento deve ser combatido se enganam. Certamente é preciso fazer de tudo para aliviar a dor de tantos inocentes e para liminar o sofrimento. Mas não existe vida sem dor, e quem não é capaz de aceitar a dor evita aquela purificação que nos amadurece".*

Essa é uma passagem do volume 1 do livro "Ser Cristão na Era Neopagã" de Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI). Aqui vai mais um trecho:

*"Parece-me que os pregadores de hoje falam pouco de Deus. O tema 'Deus' é muitas vezes marginal. Fala-se muito de problemas políticos, econômicos, culturais e psicológicos. Pensam que Deus já é conhecido e que os problemas práticos da sociedade e do indivíduo são mais urgentes. Em outras palavras: falar de Deus não parece falar de uma realidade 'prática', de uma coisa que tem a ver com nossas necessidades reais. E aqui Jesus nos corrige: Deus é a coisa mais prática e urgente para o homem"*

Em outro livro do mesmo autor, chamado "A Infância de Jesus" temos os seguintes pensamentos:

*"Deus é amor. Mas o amor pode também ser odiado, quando exige do homem que saia de si próprio para ir além de si mesmo. O amor não é um romântico sentimento de bem-estar. Redenção não é bem-estar, um mergulho na autocomplacência, mas uma libertação do autofechamento no próprio eu. Essa libertação tem como preço o sofrimento da Cruz"*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*"Gregório Nazianzeno diz que, no próprio momento em que os magos se prostram diante de Jesus teria chegado o fim da astrologia, porque a partir de então as estrelas teriam girado na órbita estabelecida por Cristo. No mundo antigo, os corpos celestes eram considerados como forças divinas que decidiam o destino dos homens. Os planetas têm nomes de divindades. Segundo a opinião de outrora, aqueles dominavam de alguma forma o mundo, o homem devia procurar-se pôr-se de acordo com tais forças. A fé no único Deus, testemunhada pela Bíblia, bem cedo realizou aqui uma desmistificação, quando a narrativa da criação com magnífica simplicidade, designa o Sol e a Lua - as grandes divindades do mundo pagão - 'luzeiros' que Deus mantém suspensos, juntamente com toda a série das estrelas, no firmamento celeste (cf. Gn 1, 16-17)"*

Disso tudo poderíamos fazer a seguinte síntese: a religião não serve para que arranquemos o sofrimento de nossa vida, mas para que o aceitemos como parte fundamental da existência e do nosso amadurecimento. Para isso, é preciso irmos além do amor por nós mesmos, em busca de um amor transcendente, que Kant descreve como amor pelo dever e o cristianismo traduz como amor a Deus.

Nesse sentido, o cristianismo é muito prático ao falar do divino. Não estamos falando de uma metáfora para ensinar as pessoas a fazerem o bem. Falamos de um espírito cuja existência não é somente contingente, mas necessária.

Aqui complementamos essas reflexões com passagens da obra "Karl Rahner: 100 anos", por Oliveira e Taborda. Disse Rahner:

*"Quem recebe os sacramentos, ao recebê-los, não apenas toma algo da Igreja para levá-lo como que para fora da Igreja, para sua interioridade privada e sua vida individual; nele e por*

*ele acontece antes uma ação da própria Igreja, nele e por ele a realidade da Igreja aparece concretamente"*

*"A filosofia da religião aqui apresentada é a síntese das duas concepções protestantes, porque, por um lado, mostra a receptividade positiva do ser humano à revelação (a vida não é simplesmente o contragolpe dialético negativo, a crise de humano e de intramundano); por outro, essa receptividade não é realização imanente de anseio religioso do ser humano, não tem Deus como correlato imanente necessário"*

Os sacramentos são uma realidade espiritual. É algo que realmente acontece no mundo material e permeia nosso espírito. Não é somente um símbolo. Eles vêm de Deus.

Na Igreja católica há sete sacramentos: batismo, confissão, eucaristia, crisma, matrimônio, ordens sagradas e unção dos enfermos. Para quem deseja se inteirar a respeito de todas as doutrinas católicas, exatamente da forma que são defendidas pelo Vaticano, deve ler o “Catecismo da Igreja Católica”. Mas caso você não se sinta disposto a ler quase mil páginas, felizmente há a versão reduzida, o Compêndio.

O batismo é o sacramento que confere as virtudes teologais da fé, esperança e caridade. Na crisma, que é a confirmação do batismo, obtém-se os sete dons do Espírito Santo (sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus).

Acho importante entender que os sacramentos não são apenas rituais simbólicos. Eles devem ser entendidos de forma literal. Ocorrem mudanças reais no nosso ser, no nosso espírito, no momento em que recebemos o Espírito Santo.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Ele é como um fogo que recebemos dentro de nós através dos sacramentos. É como receber uma porção do divino em nosso interior.

*“O reino de Deus está dentro de vós. (Lucas 17:20-21)”*

Conseguí escrever todo o livro até agora sem fazer nenhuma citação bíblica, usando argumentos filosóficos e históricos para defender meus argumentos. Digamos que foi um feito considerável.

Quanto à eucaristia, diz João Paulo II na encíclica “Ecclesia de Eucharistia” que “a Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra”. No livro “Liturgical Time Bombs in Vatican II” de Michael Davies, o autor diz que muitos dos católicos hoje em dia não acreditam mais que a eucaristia seja realmente o corpo e o sangue de Cristo, mas somente um símbolo. No entanto, é necessário deixar claro: a eucaristia é, literalmente, corpo e sangue de Cristo, não uma mera representação.

O mínimo que se requisita de um cristão é o seguinte: após o batismo e a crisma, deverá frequentar a missa da Igreja todos os domingos. Quando estiver puro (não ter cometido nenhum pecado grave) aceitará a eucaristia. Deverá consumir a eucaristia pelo menos uma vez ao ano, mas normalmente se recebe uma vez por semana na ocasião da missa. A confissão também deve ser feita no mínimo uma vez ao ano, sendo melhor, no entanto, uma vez por mês.

Diferente do islamismo, cujo requisito é rezar cinco vezes por dia, eu diria que o catolicismo é uma

religião com práticas bem leves e que exige, basicamente, apenas uma hora por semana. Porém, normalmente o católico também se sente incentivado a rezar ao menos uma vez por dia e a ler todo dia ao menos uma página da Bíblia.

Vamos refletir acerca dessas práticas cristãs e descobrir em que elas podem nos auxiliar.

O batismo e a crisma são sacramentos que ocorrem apenas uma vez, mas são indispensáveis, uma vez que acontece um processo físico e espiritual em nosso ser quando recebemos as três virtudes teológicas e os sete dons do Espírito Santo. Essas cerimônias podem parecer um pequeno ato no plano material, mas são um grandioso passo para o espírito. É onde a jornada começa.

No batismo somos apresentados para Deus. Na crisma confirmamos que, sim, desejamos trilhar nosso caminho com Deus.

Hoje em dia é comum que se considere tais cerimônias uma mera formalidade. Há quem acredite em Deus, mas não veja a necessidade de se apresentar formalmente a Ele numa comunidade religiosa. Além do mais, as pessoas preferem rezar diretamente para Deus sem precisar de intermediários.

Contudo, esse é um pensamento que é reflexo do individualismo, do materialismo e do secularismo vigentes em nossa época. Acharmos que a religião apenas serve para nos inspirar a fazer o bem. Não entendemos que existe um componente espiritual real naquilo tudo.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Sendo assim, faz toda a diferença realizar um batismo formal na congregação religiosa a que você deseja fazer parte.

Além disso, ir na missa todo o domingo não serve apenas para nos tornar “disciplinados” na prática da nossa fé. Esse é outro pensamento utilitarista, como se o espaço da igreja fosse apenas um lugar qualquer que reúne muitas pessoas que rezam e cantam para que assim se sintam mais unidas.

Adquirir mais disciplina e sentir a sensação de estar unido aos outros é algo maravilhoso. Mas esses são somente benefícios a mais que se obtém ao frequentar a missa regularmente. Não é o objetivo central.

O católico frequenta a missa para se encontrar com Cristo, sentir o Espírito Santo. Ele irá comungar e nesse ato reside o momento mais valioso da missa. Evidentemente, aquele que não se sente preparado para comungar também obterá diversos outros benefícios que a missa proporciona.

Hoje em dia a confissão não é muito popular e as pessoas raramente se confessam, mesmo os católicos. No entanto, a confissão é um sacramento e deve ser feita.

Os mandamentos e sacramentos da Igreja católica não existem para que se pratique a religião como se quer e quando se quer. É claro que temos toda a liberdade para fazer aquilo que quisermos e nosso livre-arbítrio é uma das coisas mais valorizadas no cristianismo.

Contudo, Deus sabe mais que nós. Na nossa opinião, podemos achar que não precisamos nos

confessar, porque podemos falar diretamente com Deus rezando, ou que ir à missa somente de vez em quando já será o bastante.

Caso você seja dessa opinião, poderá se beneficiar de fazer parte de alguma igreja cristã protestante ou evangélica. Eu admiro muito autores protestantes, a exemplo do C.S. Lewis. Não me importa que o autor seja protestante. Eu leio mesmo assim, pois não sou da opinião de que somente autores católicos me ensinam coisas. Penso, inclusive, que ler livros religiosos de qualquer tipo, não importa de que religião seja, me tornam uma pessoa melhor. Aprendo com agnósticos também e até com ateístas (sem querer desmerecer os ateístas, pois cada um possui seus motivos para ter cada tipo de fé).

Ainda assim, sou da opinião de que devemos ter a humildade para reconhecer que não sabemos de tudo. A maior parte dos católicos que deixam de ir na missa todo domingo é por preguiça e deixam de se confessar porque não se sentem à vontade de contar seus segredos para o padre, pois pensam que aquilo não é da conta dele, ou o substituem indo ao psicólogo, como se fosse a mesma coisa.

Tudo bem, todos temos direito a ter preguiça e não é um pecado mortal faltar algumas missas ou deixar de se confessar. Acho que o erro é se acostumar a fazer isso sempre e parar de se importar.

Com isso quero dizer que o problema não é pecar e sim, por mera conveniência, negar que se está pecando e persistir no erro.

É muito fácil arranjar uma desculpa e convencer a nós mesmos de que não há necessidade de ir na missa todo domingo. A semana foi tão cansativa,

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

então que tal ao menos no domingo dormir até mais tarde?

Com isso se está mofando de Deus, e é como afirmar: “posso seguir a religião do jeito que eu quero, porque eu sei mais que a Igreja”. Mas teremos que concordar que “seguir a religião do jeito que eu quero” geralmente significa deixar a disciplina de lado e frequentemente deixar a maior parte de nossas práticas para trás.

As pessoas estão abandonando a Igreja católica cada vez mais. Muitas delas continuam acreditando em Deus. No máximo, rezam quando precisam de ajuda, e algumas nem mesmo mantêm as preces diárias.

Algumas dessas pessoas dizem que leem e interpretam a Bíblia como desejam, mas na verdade a maior parte delas talvez nem abra mais a Bíblia. Infelizmente, até mesmo os católicos raramente leem as escrituras. E não leem nenhum outro livro sobre cristianismo.

Então, de certa forma, eu concordo que vale a pena continuar indo a missa todo domingo nem que seja para manter a disciplina. Mas ter a consciência que esse não é o motivo central para se ir à missa.

Alguns podem argumentar que não gostam mais da missa desde as modificações do Concílio Vaticano II da década de 60. Essas pessoas preferiam a missa original em latim. Caso não exista uma igreja da SSPX em suas cidades, deixam de ir à missa.

Notem que os liberais podem deixar de ir à missa porque querem mais liberdade em suas práticas religiosas, e os conservadores também podem deixar

de ir porque acham que a igreja hoje está “liberal demais”.

Novamente, estamos analisando a situação com uma mente secular. É necessário a virtude da humildade para nos contentar com o que temos e nos sentirmos gratos. Alguns até deixam de ir à missa porque não gostam do padre ou porque é perigoso acordar cedo de manhã e caminhar até a igreja.

Bem, nesse caso escolha outra igreja para ir ou assista uma missa da tarde. Não creio que inexistem opções para você, pois no Brasil há praticamente uma igreja a cada esquina.

Se você por acaso morar num buraco e a igreja mais próxima estiver a alguns quilômetros, você pode se organizar para realizar uma peregrinação mensal até sua igreja ou montar a sua rotina de outra forma, aumentando seu período de orações e leituras da Bíblia para compensar.

Enfim, não estou condenando ninguém, até porque eu mesma não possuo práticas religiosas perfeitas e sou frequentemente muito preguiçosa. Seria hipocrisia minha criticar a prática religiosa de qualquer pessoa. Cada um deve fazer o que puder na medida de suas forças. Mas isso não quer dizer fazer somente o que é confortável ou conveniente. No mínimo, vamos realizar algum esforço e atravessar nossa zona de conforto.

Vamos lembrar de todos os sacrifícios que realizamos para obter coisas materiais que desejamos. Muitas vezes nós nos sentimos dispostos a acordar bem cedo para obtê-las ou até dedicar horas a elas. Pensando assim, não é muito acordar cedo uma vez por semana e dedicar uma hora a práticas espirituais.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Religiões organizadas não são para todos. O catolicismo não é para todos, pois não é fácil seguir regras. É claro que nós queremos realizar tudo do nosso jeito. É evidente que fazer isso é mais confortável. Mas o objetivo da vida não é ter o máximo possível de conforto.

O êxtase espiritual e paz decorrentes de assistir a uma missa não tem preço. A sensação de dever cumprido e o encontro com Deus.

É claro que se você não acredita em Deus ou não dá a mínima para o catolicismo, não poderia se importar menos com isso. Algumas pessoas seguem muito bem em suas vidas sem religião.

Porém, muitos de nós sentimos frequentemente um vazio existencial e preocupações com a questão da morte. Será que existe vida após a morte? A que eu devo dedicar a minha vida? Por que sinto esse tédio, esse vazio, apesar de ter uma vida boa, ter comida na mesa e pequenas alegrias?

Um monge budista de um templo que eu frequentava costumava dizer: “Hoje em dia as pessoas seguem sua espiritualidade como se estivessem num buffet. Não estudam a fundo nenhuma religião e escolhem somente os elementos de cada religião que lhe atraem. Montam seu próprio prato, pegando uma crença de cada religião diferente. Mas aquele prato só irá servir para uma única refeição”.

O que ele quis dizer com isso? É evidente que é muito benéfico estudar e vivenciar diferentes religiões, para ampliar nossos pontos de vista e respeitar as variadas formas de crença. Possuir um

conhecimento generalista é apreciado. No entanto, isso não satisfaz a todos nós.

Quando se estuda apenas superficialmente uma religião, é comum não concordarmos com todos os ensinamentos. Em geral, concordamos apenas com as crenças mais fáceis de entender. Aquelas que contrariam nossa lógica convencional ou que são muito difíceis, não nos esforçamos para estudar e apenas rejeitamos, deixamos de lado.

O resultado é que não ficamos plenamente satisfeitos com nenhuma religião. Parece que há defeito em todas e nunca encontramos “a religião perfeita” que nos dê um equilíbrio ideal de liberdade e satisfação espiritual.

Talvez alguns busquem uma religião apenas para experimentar sensações de paz mental. Mas isso é frequentemente um erro. Uma religião não “serve” apenas para trazer “paz e felicidade” no nosso dia a dia. Esse é um pensamento utilitarista, de que uma religião precisa servir para nos gerar conforto material e mental, e para confirmar as nossas concepções prévias a respeito do mundo.

É claro que você não vai conseguir achar nenhuma religião que te agrade. Nenhuma religião irá confirmar exatamente as crenças que você possui. Suas crenças sobre a vida são resultado de múltiplas vivências suas, uma mistura de “secularismo do século XX e XXI”, com necessidade de liberdade para fazer o que quer, direitos humanos, respeito a minorias desfavorecidas, necessidade de sentir sensações fortes do divino mescladas com sensações de paz.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Você busca algo muito específico, então é evidente que para atender a esses caprichos precisaria de uma religião sob medida feita para você.

Temos a falsa crença de que a visão de mundo que temos atualmente é a melhor e a mais correta. Então quando tentamos estudar a sério qualquer religião imediatamente rejeitamos exatamente aquelas crenças que não condizem com a visão atual de mundo que nós temos e com os valores defendidos na época em que vivemos.

Isso é preguiça mental: não estamos dispostos a aceitar visões diferentes. Rejeitamos as religiões criadas em épocas antigas como atrasadas e cheias de preconceitos, como se no passado todos fossem muito mais preconceituosos que no presente.

Quando nos deparamos com uma religião como o cristianismo, particularmente o catolicismo, e temos essa preguiça mental, estaremos preparados para rejeitar essa religião no primeiro obstáculo que surgir no caminho.

É evidente que religiões não são perfeitas. Mesmo que sejam divinamente inspiradas, elas possuem participação humana. E as falhas humanas vão estar lá. Isso também é um aprendizado. Como iríamos aprender se já fizéssemos parte de uma religião perfeita e todas as regras fossem claras?

Também faz parte da jornada o descobrimento. A aceitação não somente das nossas imperfeições, mas das imperfeições alheias. É difícil admitir que estamos errados e que nosso jeito de fazer as coisas pode não ser o melhor. É difícil começar a fazer parte de uma religião imperfeita e ter a humildade de aceitar seus erros. Ter a humildade de concordar

fazer parte daquilo tudo, valorizando também as suas qualidades, sem olhar apenas para os defeitos.

Alguns aparentes problemas que encontramos no cristianismo na verdade são ensinamentos fortes dessa religião e descobrimos isso ao estudá-la mais a fundo. Mas isso é concluído somente com um estudo árduo e investigação profunda. Não somente leituras, mas vivência plena, entrega, com a prática de orações e outras práticas espirituais.

No entanto, há defeitos do cristianismo para os quais não encontramos justificações e em vez de tentar justificar aquilo que não pode ser justificado, deve-se ter a humildade e paciência de aceitar que, mesmo com todos esses defeitos, ainda existem muitas coisas boas que o cristianismo pode nos dar.

Se você odeia acordar cedo e acha a missa extremamente chata, que tal tentar mudar seu ponto de vista? Tudo bem, acordar cedo é chato, e a missa pode parecer entediante para quem não está preparado para ela. Mas tente lembrar dos breves momentos positivos daquela missa que te fizeram sentir bem. Pode ter sido uma pessoa que apertou sua mão ou te deu um sorriso. Pode ter sido o momento de se ajoelhar, de cantar ou de rezar. Qualquer coisa.

Tentar encontrar beleza naquilo que achamos feio também é um exercício de humildade: localizar o bem escondido na dor.

É muito mais fácil dizer que a missa é entediante e não serve para nada do que admitir que talvez nós não estejamos espiritualmente preparados para ela.

Talvez você não se identifique com o cristianismo e prefira o islamismo, o hinduísmo, o

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

budismo, o espiritismo ou qualquer outra religião. Tudo bem, isso está ótimo. Não estou defendendo que o cristianismo é melhor do que qualquer outra religião.

Porém, como me propus a escrever um livro sobre cristianismo, estou usando exemplos específicos dessa religião. Mas alguns desses exemplos também se encaixam para refletir sobre a importância das demais religiões organizadas. Não estamos sozinhos no mundo e nos unir a outras pessoas que compartilham crenças semelhantes pode ser uma grande força.

Mas aí também vem a importância dos encontros ecumênicos. Encontrar-se também com aqueles de crenças diferentes também só tem a nos acrescentar espiritualmente.

Eu costumo usar o exemplo dos instrumentos musicais quando falo de religiões. Seria ótimo aprender todos os instrumentos, mas não há tempo para isso. Então é melhor escolher um só e estudá-lo a fundo.

Algumas pessoas podem preferir saber tocar apenas o básico de violino, piano e flauta e se satisfazerem com isso. Mas outras preferem escolher apenas um dos instrumentos e assim ter tempo de estudar somente esse mais a fundo.

É o mesmo com religiões. Existe um benefício especial que ganhamos em escolher apenas uma, especialmente um benefício espiritual. Não estou afirmando que não existem benefícios ao estudar várias, mas são aprendizados diferentes.

Hoje em dia sofremos de excesso de informação. Queremos saber tudo, pois há muito para se saber.

Infelizmente o resultado é que atualmente só sabemos apenas pedaços e recortes de diversos conhecimentos, mas não conseguimos aprender a fundo nenhum deles.

Até mesmo nas universidades esse fenômeno acontece. O objetivo é aprender apenas uma área do conhecimento, mas há muito o que se saber sobre aquela área. Então aprendemos tudo de forma muito rápida e desconectada.

Dedicar-se a uma religião só pode ser uma oportunidade para ir mais a fundo num estudo ou prática específica. Pode ser estimulante.

Tendo deixado esse ponto claro, falemos um pouco mais sobre determinadas práticas cristãs e o papel da fé.

No livro “A Fé da Igreja” de Antonio Royo Marín, O.P. é dito que fé é confiar em alguém, especialmente no testemunho dessa pessoa. Muitas pessoas não gostam do termo "fé" pois acham que acreditar em algo ou em alguém significa ter uma fé cega. Mas, como é lembrado no livro, sem a fé e a confiança não iríamos muito longe, como nos seguintes exemplos:

Muitos de nós confiamos no que nossos professores dizem. Nós não duvidamos o tempo todo se nosso professor está realmente dizendo a verdade. Também confiamos na ciência. Temos fé de que existem certos países, embora nunca tenhamos viajado para tais lugares. E assim por diante.

Alguns meios de aumentar a fé são: estudos, vivências místicas (orações, missas, etc) e caridade (ajudar outras pessoas). Não por acaso, podemos resumir o foco em cada uma dessas ações nas

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

diferentes Ordens católicas: os dominicanos enfatizam o estudo, os carmelitas as vivências místicas e os franciscanos a caridade. Mas nenhum deles é melhor que o outro, pois cada uma dessas ações são complementares.

Cada pessoa tem um carisma diferente. Aqueles que desejam expressar sua fé através da ajuda ao próximo, podem se identificar com a fé franciscana. Quem possui especial predileção pela vivência de estados alterados de consciência e encontros mais diretos com Deus e o Espírito Santo, irão gostar das práticas dos carmelitas. Por outro lado, quem se encanta em estudar teologia (como eu) irão adorar os livros escritos por dominicanos e as práticas recomendadas por eles, que possuem forte embasamento teológico.

Muita gente não sabe, mas os leigos também podem fazer parte dessas Ordens. Eles são membros das Ordens terceiras. Existem diferentes comunidades religiosas que podem treinar os leigos. No fim de um período específico de dedicação a estudos e práticas, ele passa a fazer parte da Ordem.

Normalmente isso exige alguns anos de treinamento. Por exemplo, ele deve realizar uma leitura semanal e se encontrar com os membros da Ordem para estudos e debates, além de ser um membro mais ativo em sua igreja e comparecer mais aos eventos de sua comunidade.

Existem famosos santos católicos que nunca se tornaram sacerdotes, mas eram leigos de uma Ordem terceira. Um dos exemplos é Catarina de Siena, que era membro da Ordem dos Pregadores.

Um dos benefícios de ser membro de uma Ordem terceira é que, se você escrever um livro sobre cristianismo ou qualquer outro tipo de texto, sempre poderá assinar, no final de seu nome, a sigla da Ordem, que funciona como um “Ph.D.” No caso de Catarina de Siena, ela teria assinado T.O.S.D. (Third Order of Saint Dominic).

Mas mil vezes mais importante que essa pequena curiosidade é obter uma consagração na Ordem, que é um benefício espiritual recebido.

Um membro da Ordem terceira pode casar, ter uma família, ter um emprego, morar em casa e ter uma vida absolutamente normal em todos os pontos, igual a um leigo. A única diferença é que a pessoa passa a ter uma participação mais ativa na igreja.

Há várias possibilidades de ser membro de uma Ordem terceira em diferentes cidades brasileiras. Então, caso você se interesse em ser parte de uma Ordem católica, eis sua oportunidade!

É sempre interessante lembrar que os benefícios espirituais recebidos numa empreitada como essa devem ser valorizados, talvez até mais que os morais. No livro “Esboços de uma Teologia Filosófica” de Ricardo Quadros Gouvêa, chamou-me particularmente a atenção a menção a Schleiermacher, que teria sido o teólogo a propor uma alternativa à redução da religião à mera moralidade, realizada por Kant. Schleiermacher teria proposto uma teologia do sentimento, pois religião não é apenas um fundamento metafísico para sustentar uma teoria moral, mas tem a ver com o amor.

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Embora eu tenha exaltado o argumento moral de Kant como defesa para a existência de Deus, é relevante lembrar que a igreja não segue a filosofia kantiana ao pé da letra. Embora isso pareça óbvio, é verdade que adeptos do tomismo transcendental como Karl Rahner gostam de interpretar Tomás de Aquino tendo Kant como base.

No livro “You Shall Worship One God” de Marie-Dominique Philippe O.P. (essa sigla significa que ele é sacerdote da Ordem dos Pregadores) temos esse trecho:

*"A adoração da Cruz sempre se mantém uma insensatez para o 'filósofo'. Nós não devemos tentar humanizar a Cruz para torná-la mais aceitável para o filósofo, pois isso seria livrar-se do mistério. Nós devemos aceitar que a Cruz é sabedoria apenas para o crente, e nós devemos reconhecer que ela é - e sempre será - um mistério para a nossa razão. Nós não podemos restringir o mistério de Deus dentro dos limites de nossa razão. Se esse mistério for apresentado a nós em toda a sua plenitude, é surpreendente que nossa pobre inteligência deveria ser inteiramente ultrapassada?"*

O ser humano sente fortemente em seu coração a alegria de ajudar os outros. Isso se chama amor humano e seguir a consciência. Mas o amor a Deus é um amor que se encontra acima do amor humano e a obediência aos mandamentos é mais importante que seguir a consciência, como é mostrado na encíclica de João Paulo II “Veritatis Splendor”.

Outra curiosidade que quero ressaltar é que o cristianismo fala em "amor ao próximo" e não "amor à humanidade em geral". Afinal, amar a todos parece algo distante e vago, nem sabemos por onde começar. Por isso o cristianismo nos ensina a ajudar

quem está perto, ajudar o vizinho, as pessoas ao nosso redor, pois isso é realista, isso é prático, é possível. O fato de no cristianismo haver um Deus Trino e não Uno também simboliza isso: Jesus, que estava entre nós e ajudou as pessoas ao seu redor, em vez de um Deus distante.

Outro ponto que esqueci de mencionar antes sobre o Deus Trino: afirmar que não há lógica dizer que Deus é ao mesmo tempo Uno e Trino é ater-se à matemática euclidiana como um dogma. Sabemos que hoje em dia existem outros tipos de lógica que não seja aquela no formato aristotélico e que há a geometria não-euclidiana. Por isso, não é absurdo ou ilógico afirmar que algo pode ser ao mesmo tempo uno e trino.

No livro “Discernimento dos Espíritos” do Padre Giovanni Battista Scarameli, S.J. (a sigla significa “Society of Jesus”, então ele é membro da Ordem dos Jesuítas) diz o autor:

*“É necessário ir pelo caminho do meio: não ser crente, nem incrédulo. De outra sorte, cairemos nas ilusões que tememos nos outros. O caminho do meio é, a meu ver, examinar bem as coisas, e decidir sobre o fundamento de razões boas e sólidas. Embora eu concorde também que em tais coisas extraordinárias é necessário andar sempre com um passo atrás; mas que seja, entretanto, um passo, e não mil”*

Nesse trecho o autor fala sobre acreditar em coisas como milagres e aparições, sobre a necessidade do bom senso: nem duvidar de tudo, mas também não acreditar em qualquer coisa. Achei bem razoável.

*“Refleta que o maior inimigo das pessoas adiantadas no espírito não é o demônio, não é o mundo, não é a carne. porque estes três adversários, ou já foram vencidos, ou são combatidos*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*por elas com grande fortaleza. Seu maior inimigo é o espírito humano, que está coligado com o amor próprio, e este, como eu já disse, não se pode jamais vencer sem uma incessante mortificação da própria vontade"*

Essa passagem mostra a importância da humildade para vencer a soberba.

No livro "Franny e Zooey" de Salinger (autor de "O Apanhador no Campo de Centeio", que talvez você já tenha lido, já que é um clássico) há uma personagem que idolatra um livro chamado "Relatos de um Peregrino Russo", escrito por um anônimo do século XIX. Esse livro está entre os mais famosos da literatura cristã russa. Acredito que a maior parte de nós não temos contato com o cristianismo ortodoxo.

Fiz questão de adquirir esse livro após o Salinger me deixar morta de curiosidade de tanto que o mencionou ao longo de sua obra. Na verdade, hoje em dia esse livro é conhecido no ocidente por causa de Salinger. Irei colocar alguns trechos dele:

*"Shatan é uma criatura, cuja função é a de nos testar, de nos tentar para nos fazer mais fortes ou simplesmente para permitir que tomemos consciência do nosso grau de fé e confiança em Deus".*

*"Sem os demônios e as ciladas que eles colocam no nosso caminho nós não conseguiríamos progredir, diziam os antigos Padres do Deserto"*

*"O cristão não é um homem melhor do que os outros, nem mais inteligente, nem mais amoroso, ele apenas caminha com alguém, ele se mantém na sua presença"*

*"Dizem que um casal que envelhece junto acaba se parecendo. O mesmo acontece com a oração: quando vivemos na oração e próximos a Deus, acabamos nos assemelhando a isso, nós nos tornamos aquilo que amamos"*

*"Essa sabedoria elementar e vã faz com que meçamos Deus através de medidas humanas. Muitos cometem um grande erro ao pensar que os meios preparatórios e as boas ações engendram a oração, quando, na verdade, a própria oração é a fonte das obras e das virtudes. Eles confundem os frutos ou as consequências da oração com os meios para chegar até ela, diminuindo assim sua força"*

*"Não é por medo do castigo que deixamos de pecar, pois a alma só consegue se libertar dos pensamentos culpados através da vigilância do espírito e da pureza do coração. Adquirimos isso através da oração interior. Os Padres comparam a ação de alguém que se empenha na vida ascética por temor das torturas do inferno, e não por desejar o reino celeste, à ação de um mercenário. Eles dizem que o medo dos tormentos é a via do escravo, e o desejo de uma recompensa é a via do mercenário. Mas Deus quer que venhamos a ele como Filhos; Ele quer que o amor e o zelo nos impulsione a nos conduzir dignamente, e que gozemos da união perfeita com Ele, na alma e no coração"*

Falemos então sobre a oração. O melhor livro que já li a respeito da importância das orações se chama "Rezar com Confiança" de Paul Murray O.P. Nessa preciosa obra, o autor fala da importância do Pai Nosso, como oração principal do cristianismo. Tendo somente a ela, não é preciso mais nada. Ele a interpreta à luz de São Tomás:

*"A certa altura da Suma, Santo Tomás também comenta a questão da oração vocal. Embora a oração possa ser descrita como 'a linguagem do coração' - frase do próprio Santo Tomás -, é necessário, quando o indivíduo reza em solidão, que a oração seja vocal? Santo Tomás responde que não é, de modo algum, necessário. Embora no Evangelho Jesus nos convide claramente a dizê-lo em voz alta. Mas há ocasiões em que faz*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*sentido rezar vocalmente: 'não a fim de dizer a Deus alguma coisa que ele não saiba, mas para que a alma daquele que reza e as almas dos outros possam ser elevadas até ele. O espírito é estimulado, Tomás explica, ouvindo-se as palavras da oração pronunciadas em voz alta. E isso significa que, no fim, a oração inclui não só o espírito, mas também o corpo, não só o coração interior, mas também a voz exterior. Dessa maneira, Tomás conclui, 'podemos servir a Deus com tudo que temos de Deus, isto é, não só com nosso espírito, mas também com nosso corpo'"*

*"O terceiro vício é a excessiva preocupação. Há algumas pessoas que nunca se contentam com o que têm, mas sempre querem mais: e isso é falta de moderação, pois o desejo deve sempre ser medido conforme as próprias necessidades. **Nem me dêis nem pobreza nem riqueza: concede-me o pão que me é necessário (Pr 30,8).** Somos advertidos para evitar esse vício em especial com as palavras: O pão nosso de cada dia, isto é, o pão para um dia, ou para um tempo. Nas preleções mateanas, Santo Tomás apresenta uma reflexão profunda em 'nos dai hoje', frase que pode parecer indicar 'devemos desejar coisas um dia por vez' e assim esquecer o futuro. Ao contrário, Tomás declara: 'O Senhor não pretendia proibir as pessoas de pensar no futuro, o que ele proíbe é que antecipemos as coisas, ousando nos preocuparmos antes da hora. Se alguma preocupação te for imposta agora é com ela que deves te preocupar, não com alguma coisa que possa ser tua responsabilidade no futuro'"*

Vejam só como é maravilhoso ler os comentários dos estudiosos sobre o evangelho. Se fôssemos apenas tentar adivinhar sozinhos o que significa cada frase da oração do Pai Nosso, precisaríamos de muita imaginação. Mas lendo os comentários, nos surpreendemos com os incríveis

ensinamentos e isso torna o nosso amor pela oração muito mais poderoso.

Nesse trecho, além de comentar sobre a parte da frase a respeito do pão, comenta, também na mesma frase, sobre a questão da ansiedade. Hoje em dia as pessoas sofrem de muita ansiedade. Basta nos lembrarmos daquele versículo de Mateus 6-34: "Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal"

Quanta riqueza de interpretações pode existir em apenas uma frase! Imagine só estudar os versículos da Bíblia com seus comentários. Adentraremos direto no céu, de tanto êxtase.

Não sei se vocês se sentem assim estudando teologia, mas eu sinto como se fosse um universo secreto repleto de mistérios, que somente o estudioso poderá adentrar. Porém, por mais que se estude teologia, sem a fé nada saberemos.

Esse ponto é afirmado no livro "The Contemplative Life" de Fr. Thomas Phillippe, O.P. É dito que, além de ler, devemos vivenciar a mística: em especial, o mistério da eucaristia e as orações.

Já na obra "The Three Conversions in the Spiritual Life" de Fr. Reginald Garrigou-Lagrange, O.P., o autor relata sobre os diferentes estágios de evolução espiritual. Ele traça alguns paralelos com o "Noite Escura da Alma" de São João da Cruz e com os Diálogos de Santa Catarina de Siena. Como já li as duas obras, foi fantástico acompanhar o raciocínio.

Belíssimo livro! Fiquei bastante inspirada. Como o próprio autor diz, é difícil entender a Catarina de

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Siena quando lida pela primeira vez, mas nada do que ela diz contradiz São Tomás de Aquino!

Falemos então sobre os carmelitas. No livro “O Castelo Interior” Santa Teresa de Ávila nos mostra os estágios espirituais como se estivéssemos adentrando num castelo, que é a morada de nosso espírito. Sendo assim, é possível encontrar semelhanças entre o que é dito nesse livro e o que é dito no “Noite Escura da Alma”.

Essa obra de São João da Cruz é dividida em duas grandes partes: a Noite do Sentido e a Noite do Espírito. O autor começa com seu poema e, conforme interpreta detalhadamente os primeiros versos, trata a respeito dos sete pecados capitais espirituais. E o que se quer dizer com pecados espirituais? Que muito mais importante que largar uma coisa do lado de fora é largá-la internamente.

Por exemplo, o avarento espiritual seria aquela pessoa que deseja progredir no caminho espiritual a qualquer custo e o mais rápido possível e entrega-se a práticas fortes e intensas de oração, meditação, jejuns, etc. Porém, na maior parte das vezes isso é feito tendo em vista sentir o que o praticante pensa ser um “êxtase espiritual” mas que na verdade trata-se de um êxtase dos sentidos. A gula espiritual é semelhante, quando o praticante encontra-se embriagado por tais sensações, totalmente cego pelas suas práticas e deseja senti-las mais e mais, cometendo aqui o pecado do orgulho espiritual, achando-se melhor que os outros por praticar com mais intensidade (sendo que ele só está julgando pelo lado de fora e não pelo de dentro, que é impossível julgar). Entra aqui também a ganância espiritual e a

luxúria espiritual, pois o praticante apenas quer mais e mais daquela sensação, chegando a sentir um prazer quase sexual, o prazer dos sentidos. Ele só quer satisfazer a si mesmo com tais práticas e não realmente compreender e aprofundar sua espiritualidade.

A Noite Escura da Alma ocorre quando a pessoa para de sentir essas sensações de êxtase e fica desesperado, numa espécie de crise de abstinência. Afinal, se alguém realiza uma prática puramente pelas sensações dos sentidos, por mais elevadas que elas pareçam, não poderá ficar satisfeito, pois as coisas do mundo não duram e essa pessoa não sentirá essas sensações para sempre. Por isso, como diz Kant, a pessoa deve colocar como meta a moralidade e o cumprimento do dever em vez da própria felicidade. Se alguém tem uma religião ou realiza alguma prática espiritual para sentir-se tranquilo, feliz ou qualquer tipo de recompensa, incorre em erro, pois a visão correta seria realizar a prática simplesmente porque ela é excelente por si mesma. No caso do catolicismo, esse ensinamento se encontra no Primeiro Mandamento de amar Deus acima de todas as coisas.

Nesse momento o praticante encontra-se num impasse: ele largou a obsessão com os prazeres do corpo em busca dos prazeres mais refinados do êxtase com as coisas do espírito. Contudo, quando ele perde esse êxtase, ele fica sem nada: nem as coisas do corpo e nem os prazeres refinados da mente os encantam mais! Ele fica sem chão, sem nada, perdido entre dois mundos: isso é a noite negra da alma! (que, no catolicismo, é a perda da fé).

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Num primeiro momento é preciso superar os prazeres que se sente com esses estados refinados da mente (ou apego à esperança da felicidade que se apoia em sensações como paz ou alegria, que não duram). Essa é a Noite do Sentido. O segundo passo é passar pela Noite do Espírito, que é quando o praticante já não se encanta tanto com os prazeres mentais refinados que sua prática lhe dá e pratica somente por amor e fé a Deus sem esperar recompensas.

O catolicismo chama essas etapas de elevação espiritual gradual de "os dez degraus da escada".

Eis alguns trechos do livro:

*"De fato, é necessário à alma permanecer neste sepulcro de obscura morte, para chegar à ressurreição espiritual que espera".*

*"Do mesmo modo devemos de raciocinar acerca deste divino fogo de amor de contemplação: antes de unir e transformar a alma nele, primeiro a purifica de todas as propriedades contrárias".*

*"Ninguém pense que, por haver nesta noite passado por tantos tormentos de angústias, dúvidas, receios e horrores, correu maior perigo de perder-se".*

A existência dessa etapa não significa que o praticante está regredindo em seu caminho e sim avançando! Muita gente, ao sentir essas sensações ruins e extremamente dolorosas da espiritualidade, recua ou até se afasta definitivamente do caminho espiritual, pois não suporta a sensação desconfortável. Porém, é necessário queimar-se nesse fogo, como se fosse um ritual de cremação para renascer para o espírito (o fogo do Espírito Santo).

*"Quanto mais a alma vai às escuras e privada de suas operações naturais, tanto mais segura vai".*

Essa cegueira dos sentidos seria entregar-se a Deus.

*"Eia, pois, ó alma espiritual! Quando vires teu apetite obscurecido, tuas afeições na aridez e angústia, e tuas potências incapazes de qualquer exercício interior, não te aflijas por isso; considera, pelo contrário, como ditosa sorte estares assim"*

*"Primeiramente chama "secreta" a esta contemplação tenebrosa; porque, como já dissemos, esta é a teologia mística denominada pelos teólogos "sabedoria secreta", a qual, no dizer de Santo Tomás, é comunicada e infundida na alma pelo amor. Esta operação é feita secretamente, na obscuridade, sem ação do entendimento e das outras potências. E como estas não chegam a perceber aquilo que o Espírito Santo infunde e ordena na alma, conforme diz a Esposa nos Cantares, sem ela saber nem compreender como seja, por esta razão lhe dá o nome de "secreta". Na realidade não é semente a alma que não o entende; ninguém mais o entende, nem o próprio demônio. O Mestre, que ensina esta sabedoria secreta, está substancialmente presente à alma, e aí não pode penetrar o demônio, nem tampouco o sentido natural, ou o entendimento".*

*"Não é este o único motivo de chamar-se, e ser, secreta, a sabedoria mística; é ainda porque tem a propriedade de esconder as almas em si. Por vezes, com efeito, além do que costuma produzir, de tal modo absorve e engolfa a alma em seu abismo secreto, que esta vê claramente quanto está longe e separada de toda criatura. Parece-lhe, então, que a colocam numa profundíssima e vastíssima solidão, onde é impossível penetrar qualquer criatura humana. É como se fosse um imenso deserto, sem limite por parte alguma, e tanto mais delicioso, saboroso e amoroso, quanto mais profundo, vasto e*

## Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

*solitário. E a alma aí se acha tão escondida, quanto se vê elevada sobre toda criatura da terra. Este abismo de sabedoria levanta, então, a mesma alma, e a engrandece sobremaneira, fazendo-a beber nas fontes da ciência do amor. Não só lhe dá pleno conhecimento de que toda condição de criatura fica muito aquém deste supremo saber e sentir divino, mas ainda lhe faz ver como são baixos, limitados, e de certo modo impróprios, todos os termos e vocábulos usados nesta vida para exprimir as coisas divinas. A alma entende também como é impossível, por modo e via natural, chegar ao conhecimento e compreensão das coisas de Deus, conforme elas são na realidade, por mais que se fale com elevação e saber; pois somente com a iluminação desta mística teologia se poderá penetrá-las. Conhecendo, portanto, pela iluminação da mesma teologia mística, essa verdade, que não se pode alcançar e muito menos declarar em termos humanos e vulgares, com razão a chama "secreta"*.

Aqui está a descrição do último degrau da escada:

*"O décimo e último degrau desta escada secreta de amor faz a alma assimilar-se totalmente a Deus, em virtude da clara visão de Deus que a alma possui imediatamente, quando, depois de ter subido nesta vida ao nono degrau, sai da carne. De fato os que chegam até aí, — e são poucos, — como estão perfeitamente purificados pelo amor, não passam no purgatório. Daí o dizer S. Matheus: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mt 5, 8). E, como dissemos, esta visão é a causa da total semelhança da alma com Deus. Assim o declara São João: "Sabemos que seremos semelhantes a Ele" (1 Jo 3, 2). Não significa que a alma terá a mesma capacidade de Deus, pois isto é impossível; mas que todo o seu ser se fará semelhante a Deus, e deste modo poderá chamar-se, e na realidade será, Deus por participação".*

Hoje em dia muitos preferem orar a Deus com as próprias palavras. Mas é fundamental lembrar que existe também muito poder nas rezas prontas, como no caso do Pai Nosso, em que cada palavra é repleta de significado e força espiritual.

Aprender a rezar o terço também é uma prática cristã excelente. Creio que hoje em dia poucos possuem a paciência e dedicação para rezar um terço inteiro. Mas é importante entender que são exatamente essas práticas que demandam tempo e disciplina que geram os mais elevados resultados.

Provavelmente aqueles que buscam uma religião rápida e eficiente, que gere resultados imediatos, não irão se sentir atraídos para o cristianismo. Mas aquele que está disposto a realizar uma prática séria e profunda e está preparado a abrir mão de alguns de seus dogmas mentais automáticos, encontrarão o que procuram. Os resultados duradouros virão, mas é necessário desenvolver paciência e humildade para recebê-los.

## Leituras Recomendadas

Esses são alguns livros que li e indico. Eu citei vários deles ao longo dos capítulos. Você poderá conferir a resenha de cada um deles nos meus blogs.

### TEOLOGIA

- O Castelo Interior, por Teresa de Ávila  
Mere Christianity, por C.S. Lewis  
Didascalicon, por Hugo de São Vítor  
João Paulo II: Homem de Oração, por Anderson e  
Bogle  
The Hidden Light: A Life of Saint Dominic, por  
Jennifer Moorcroft  
The Life and Prayers of Saint Thomas, por Wyatt  
North  
Catherine of Siena: A Simply Saints, por Kathy  
Donlan  
The Dialogue, por Saint Catherine of Siena  
O homem que não queria ser papa, por Andreas  
Englisch  
Confissões, por Santo Agostinho  
Proslogion, por Santo Anselmo  
A Noite Escura da Alma, por São João da Cruz  
Searching for and Maintaining Peace, por Fr. Jacques  
Philippe  
The Inquisition, por Michael Baigent e Richard  
Leigh

## Wanju Duli

- Karl Rahner: A Brief Introduction, por Karen Kilby  
A Fé de Ratzinger, por Tracey Rowland  
Hounds of the Lord, por Kevin Vost  
A Fé da Igreja, por Antonio Royo Marín, O.P.  
Manual for Spiritual Warfare, por Paul Thigpen  
Rezar com confiança, por Paul Murray OP  
Francisco: o papa da simplicidade, por Mario Escobar  
Karl Rahner 100 anos, por Oliveira e Taborda  
Esboços de teologia filosófica, por Ricardo Quadros Gouvêa  
You shall worship one God, por Marie-Dominique Philippe O.P.  
Aquinas Shorter Summa, por Saint Thomas Aquinas  
The Imitation of Christ, por Thomas A. Kempis  
The Three Conversions in the Spiritual Life, por Fr. Reginald Garrigou-Lagrange O.P.  
How to Read the Summa Theologica, por Joseph Antony  
The Contemplative Life, por Fr. Thomas Philippe OP  
Liturgical Time Bombs in Vatican II, por Michael Davies  
Discernimento dos Espíritos, por Padre Giovanni Battista Scarameli, S.J.  
Sisters in Crisis, por Ann Carey  
Sermões do Padre Vieira  
Relatos de um Peregrino Russo, por Anônimo do século XI

### **Encíclicas e outros documentos do Vaticano**

Compêndio do Catecismo da Igreja Católica

Em Defesa do Cristianismo: uma apologética

Fides et Ratio, por João Paulo II  
Nostra Aetate

**G.K. Chesterton**

Saint Thomas Aquinas  
Ortodoxia  
Saint Francis of Assisi  
The Everlasting Man

**Joseph Ratzinger/Papa Bento XVI**

Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo  
Agostinho  
Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a  
Ressurreição  
Ser Cristão na Era Neopagã: Volume 1  
A Infância de Jesus

**Jorge Mario Bergoglio/Papa Francisco**

A Igreja da Misericórdia  
Anunciar o Evangelho: Mensagem aos Catequistas

**FILOSOFIA**

Teodiceia, por G. W. Leibniz  
Religião, conceitos-chave em filosofia, por Brendan  
Sweetman  
Discurso do Método, por René Descartes

Wanju Duli

Metafísica, conceitos-chave em filosofia, por Brian  
Garrett

Fé e Saber, por Hegel

Temor e Tremor, por Søren Kierkegaard

Três Diálogos entre Hylas e Philonous, por George  
Berkeley

Aprendendo a viver, por Sêneca

### **Kant**

Fundamentação da Metafísica dos Costumes e  
Outros Escritos

Crítica da Razão Prática

A religião nos limites da simples razão

Crítica da Razão Pura

### **Platão**

Apologia de Sócrates, Êutifron e Críton

Timeu

O Sofista e Fédon

### **Espinosa**

Ética

Princípios da filosofia cartesiana

### **Erasmus de Rotterdam**

Elogio da Loucura

Lutero e Erasmo: Livre-arbítrio e salvação



